



Pequenos Notáveis



Parte 2

Eduardo Paes

Prefeito do Rio de Janeiro

Claudia Costin

Secretária Municipal de Educação – SME

Cleide Ramos

Presidente da Empresa Municipal de
Multimeios – MultiRio

Lucia Maria Carvalho de Sá

Chefe de Gabinete

Ricardo Petracca

Diretor de Mídia e Educação

Sergio Murta Ribeiro

Diretor de Administração e Finanças

Pequenos Notáveis

Série televisiva: textos complementares



MULTIRIO - Empresa Municipal de Multimeios Ltda.

Largo dos Leões, 15 • Humaitá • Rio de Janeiro/RJ • Brasil • CEP 22260-210
Central de Atendimento ao Cidadão: 1746 • Fora do Rio: (21) 3460-1746 • Fax: (21) 2535-4424
www.multirio.rj.gov.br • ouvidoria.multirio@rio.rj.gov.br

Sumário

Introdução	05
Pixinguinha	07
Lamartine Babo	17
Vinicius de Moraes	27
Tom Jobim	39
Chico Buarque	51
Créditos das imagens	63

Introdução

A série televisiva *Pequenos Notáveis*, voltada principalmente para crianças e adolescentes, aborda a vida e a obra de dez grandes compositores da MPB, com ênfase na infância de cada um. Os programas mostram como o ambiente em que eles viveram, a família e a escola influenciaram suas vocações e contribuíram para que se tornassem, mais tarde, grandes mestres da nossa música.

O formato da série mescla dramaturgia, música, animação e efeitos de computação gráfica. Os atores Amanda Ramalho e Iwin Monã e o cantor e instrumentista Alfredo Del-Penho visitam os locais onde os artistas nasceram, os lugares que frequentaram, as escolas em que estudaram, os cantos e recantos de que mais gostavam em nossa cidade.

Em estúdio, a cantora e apresentadora Joyce Moreno, junto com Alfredo, canta os maiores sucessos desses compositores e conta casos e curiosidades sobre eles, em meio a um cenário com fotos, cartazes, capas de discos e outras referências musicais e históricas.

Os dez grandes pequenos notáveis homenageados nos programas são: Noel Rosa, Dona Ivone Lara, Dorival Caymmi, Buguinha, Luiz Gonzaga, Pixinguinha, Lamartine Babo, Vinícius de Moraes, Tom Jobim e Chico Buarque.

Pixinguinha

Pixinguinha é porque eu tive bexiga (varíola), então eles me tratavam de Bixiguinha, Pixiguinha... Houve essa complicação de apelidos, e eu não sei por que eu fiquei como Pixinguinha.

Alfredo da Rocha Vianna Filho





1. Pixinguinha em gravação

Alfredo da Rocha Vianna Filho ou Pizidim, Pizindim, Pinzindim, Pizinguim, Bexiguinha, Pixigui, Pixingui, Pexiguinha, Pexiquinha, Pixinguinha, um dos dez filhos de Alfredo da Rocha Vianna com Raimunda Maria da Conceição, nasceu em 23 de abril de 1897, no bairro da Piedade. Tinha, ainda, quatro irmãos do primeiro casamento de sua mãe.

Alfredo pai era funcionário da Repartição Geral de Correios e Telégrafos. Nas horas vagas, tocava flauta, sendo muito solicitado nas rodas da cidade, e também promovia saraus em sua casa frequentados por grandes músicos que faziam parte de seu círculo de amigos, entre eles, o maestro Heitor Villa-Lobos. “Eu ficava apreciando porque gostava de música. Mas quando chegava oito da noite, nove horas, meu pai dava ordem: ‘Menino, vai dormir!’. Eu respondia: ‘Perfeitamente, vou dormir’. Mas não dormia nada, porque ficava ouvindo os chorinhos bons que ele tocava. Gostava muito daquilo”, disse em depoimento ao Museu da Imagem e do Som.

A família logo se mudou para a Rua da Floresta, atual Padre Miguelinho, no Catumbi. Era um casarão tão grande que abrigava a família e alguns inquilinos e que ficou conhecido como Pensão Viana. Pelo menos três desses hóspedes seriam grandes nomes da música brasileira: o sambista Sinhô, o trompetista Bonfiglio de Oliveira e o instrumentista e compositor Irineu de Almeida, o Irineu

Batina. Ele, “que tocava trombone, oficleide e bombardino, foi quem ensinou música ao pequeno Alfredo e afirmou: ‘Esse menino promete’”, conta Henrique Cazes, autor do livro *Choro, do Quintal ao Municipal*.



2. Bairro do Catumbi no começo do século XX. Encontro das ruas Padre Miguelinho, Coqueiros e Itapiru

Do cavaquinho para a flauta

Criança ainda, Pixinguinha gostava de soltar pipa e de jogar bola de gude com os meninos da vizinhança. Não dava muito certo no futebol, mas não se importava com isso. Foi alfabetizado por um professor particular, depois estudou no Liceu Santa Teresa e no Ginásio de São Bento, onde chegou a ser sacristão do mosteiro.

Aos 11 anos, já sabia alguma coisa de música, graças à boa percepção musical e aos irmãos, quase todos praticantes de algum instrumento e que o iniciaram no cavaquinho. Ao perceber o talento do filho, Alfredo passou a levá-lo para tocar com ele nos sa-raus pela cidade. Logo, Pixinguinha trocou o cavaquinho por uma flauta de flandres (material laminado). Irineu Batina, também impressionado com o menino, recomendou que o pai o colocasse para aprender música. E assim foi. Ele e os irmãos começaram a estudar com um professor particular. “Meu pai comprou a *Artinha* – método de aprendizado de música – de Francisco Manuel, e as aulas eram dadas três, quatro vezes por semana.”

Mais atarefados, os irmãos foram desistindo das aulas, e Pixinguinha permaneceu. Mesmo assim, não durou muito: “Ele não tinha nada a me ensinar, pois tudo o que sabia me transmitira”, disse, de seu professor. A aspiração do menino era ganhar uma requinta – espécie de clarinete menor –, mas Seu Alfredo não correspondeu: era caro para suas possibilidades, e achava o instrumento complexo demais para o garoto. Pixinguinha passou, então, a estudar com o próprio Irineu Batina, que tocava oficleide.

Oficleide é um instrumento de sopro da família dos metais muito usado nos grupos de choro até as primeiras décadas do século XX. No oficleide, se delineou um dos traços mais marcantes do choro: o tipo de contracanto conhecido como baixaria, atualmente realizado pelo violão de sete cordas.

O professor não demorou a levar o aluno brilhante para seu grupo Choro Carioca, que se apresentava em festas e bailes. Pixinguinha levava o cavaquinho e a flauta e contou que foi em uma reunião musical em Jacarepaguá que passou a se considerar músico de fato,

depois de ter passado meia hora tocando a polca *Língua de Preto* (de Honorino Lopes) sem errar. “Eu era um molecote azougado. A minha cor, o meu tamanho e a minha flauta me tornavam interessante”, disse em entrevista a *O Jornal*, em janeiro de 1925, relembrando os primeiros tempos como músico.

Em 1911, aos 14 anos, ele gravou o primeiro disco tocando flauta com o grupo Choro Carioca, composto por ele, dois de seus irmãos e Irineu. No mesmo ano, entrou para a orquestra do rancho carnavalesco Filhas das Jardineiras. Lá conheceu os amigos de vida inteira João da Baiana e Ernesto dos Santos (o Donga) e se apaixonou pela atriz do teatro de revista Irene Nascimento, para quem fez o choro *Sofres porque Queres*.

Músico profissional

Também em 1911, ele conseguiu seu primeiro emprego profissional, na choperia La Concha (Lapa), como instrumentista de flauta. Em *Pixinguinha, Vida e Obra*, Sérgio Cabral conta que nosso personagem chegou a se apresentar “muitas vezes com o fardamento do Mosteiro de São Bento”, onde estudava e gazeteava aula para trabalhar na choperia. O mesmo livro informa que, pouco depois, Pixinguinha tocou em outras casas noturnas como o Ponto (Praça Tiradentes), ABC e Ca-baré Cassino (Lapa).



3. Aos 14 anos, tocando na Choperia La Concha

Tocou, também, pela primeira vez no teatro, que era o grande mercado de trabalho para os músicos da época. A apresentação foi no Teatro Rio Branco (Centro), substituindo outro profissional. Tinha sido indicado pelo violonista Tute, que foi à casa da família Vianna chamar o menino e encontrou-o soltando pipa.

Em depoimento ao Museu da Imagem e do Som, Pixinguinha contou: “Respondi: ‘Não, não vou, não. Eu, hein?’”. Naquele tempo, o Teatro Rio Branco tinha muito prestígio. Mas minhas irmãs ficaram em cima: ‘Vai! Vai!’. Não queria ir, mas elas insistiram: ‘Vai! Deixa de ser tolo!’. Acabei aceitando”. E foi de calças curtas ao local de trabalho. “Tute me apresentou ao Seu Auler, que estava na sala de espera. ‘Esse moço é que vai tocar no lugar do Antônio Maria.’ Seu Auler admirou-se: ‘Mas ele não é moço, não é nada. É um fedelho!’.”

O sucesso foi enorme, com o dono do estabelecimento, com o regente da orquestra e com o público, que vaiou o instrumentista Antônio Maria Passos na primeira apresentação após seu afastamento. Resultado: Pixinguinha foi efetivado no emprego.

Em 1912, um ano após estreiar como músico de carnaval, tornou-se diretor de harmonia do rancho Paladinos Japoneses, de onde se transferiu para o Reinado de Siva. A vivência nos dois ranchos foi, sem dúvida, uma base importante em sua formação musical.

Os ranchos carnavalescos são constituídos por instrumentos de corda e de sopro. Não utilizam percussão.

A década de 1910 marcou também o primeiro registro de uma música de sua autoria: o tango *Dominante*, assinado por Alfredo da Rocha Vianna (Pizidin). Na época, ele criou o Grupo de Caxangá, seguindo a onda de música nordestina, com os integrantes usando chapéu

de palha e sendo conhecidos por apelidos matutos; Pixinguinha era Chico Dunga. Paralelamente ao grupo, passou a se apresentar como flautista no Cine Palais (Avenida Rio Branco), tocando na sala de projeção com a orquestra do cinema. Inspirado na vitória do Brasil sobre o Uruguai na decisão do Campeonato Sul-Americano de Futebol de 1919, compôs um clássico de seu repertório: o choro *Um a Zero*.

Os Oito Batutas



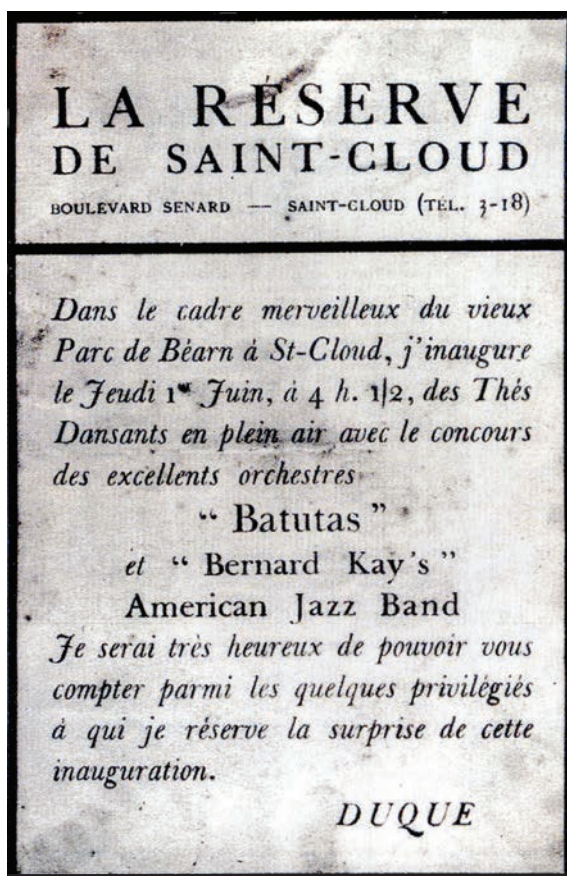
4. O grupo dos Batutas

Para reinaugurar o Cine Palais, fechado provisoriamente devido ao surto de gripe suína, o gerente Issac Frankel propôs que Pixinguinha montasse um grupo para se apresentar na sala de espera, como fazia o concorrente Cinema Avenida, onde tocava a Orquestra de Cícero Menezes. Os Oito Batutas (nome sugerido por Issac) estrearam em 7 de abril de 1919, com um repertório de maxixes, lundus, canções sertanejas, corta-jacas, batuques, cateretês, etc.

O grupo conquistou a admiração do milionário Arnaldo Guinle, que convidou os músicos para se apresentar nos saraus em sua mansão no bairro de Laranjeiras (onde hoje é o Palácio Laranjeiras, residência oficial do governador do estado do Rio) e organizou uma turnê pelo Brasil.

Assim, os Oito Batutas seguiram para São Paulo, Minas Gerais, Salvador, Recife, além de cumprir temporadas no Rio, no Teatro São Pedro (atual João Caetano, na Praça Tiradentes), na opereta sertaneja Flor Tapuia e no Teatro Recreio Praça Tiradentes, na revista *Se a Bomba Arrebenta*. O conjunto também tocou no Palácio Guanabara, então residência do presidente da República (Epitácio Pessoa), recepcionando o general francês Charles Mangin, herói da Primeira Guerra Mundial.

Aconteceram, ainda, apresentações internacionais, na França (durante seis meses) e na Argentina. Entre uma viagem e outra, o grupo participou da primeira transmissão de rádio no Brasil, realizada durante a Exposição do Centenário da Independência.



5. Programa de apresentação em Saint-Cloud, na França

Em 1926, estreou no Teatro Rialto (Centro) a revista *Tudo Preto*, encenada pela Companhia Negra de Revistas. A ideia do espetáculo

surgiu em conversas entre Pixinguinha e o cantor, compositor e ator De Chocolat (autor da revista). Segundo Jota Efegê (*O Globo*, 26 de outubro de 1972), a temporada foi histórica: “Os pretos, marginalizados, sem oportunidade nos palcos da cidade, iam, então, mostrar suas qualidades”.

Foi no mesmo Teatro Rialto que Pixinguinha começou a namorar a vedete Jandira (Albertina Nunes Pereira), com quem logo se casou e viveu por quase 50 anos, até a morte de Betty (apelido de Albertina).

O contra da crítica

Os Oito Batutas continuavam a carreira de sucesso, se apresentando no Cinema Odeon e, depois, como atração fixa no bar/restaurante Assírius (subsolo do Theatro Municipal).

Pixinguinha, por sua vez, lançava o choro *Lamentos*, gravado pela Orquestra Típica Pixinguinha-Donga, em um disco que trazia no lado B outro choro: *Amigo do Povo*, de Donga. O público aplaudiu, mas a crítica não. O colunista Cruz Cordeiro, da revista *Phono-Arte*, escreveu: “A influência das melodias norte-americanas e mesmo do ritmo (...) é nesses dois choros bastante evidente”, o que “nos causou sérias surpresas, porquanto sabemos que os compositores são dois dos melhores autores da música típica nacional”.

Cruz Cordeiro voltaria a atacar Pixinguinha ao ouvir o choro instrumental *Carinhoso*, gravado pela Orquestra Típica Pixinguinha-Donga. O lado A do 78rpm era o maxixe *Não Diga Não*, de autoria de Peri Pirajá. O crítico falou: “Parece que o nosso popular compositor anda sendo influenciado pelos ritmos e melodias da música de jazz. É o que temos notado desde algum tempo e mais uma vez, neste seu choro, cuja introdução é um verdadeiro foxtrote, que, no seu decorrer, apresenta combinações de pura música popular ianque. Não nos agradou”.

Contratado pela RCA

Em 1929, Pixinguinha lançou o samba maxixe *Gavião Calçado* (letra abaixo), com letra de Cícero de Almeida. Mas o grande trunfo do ano foi ter tirado o primeiro lugar no concurso para orquestradores da RCA Victor, justamente com *Carinhoso*. Empregado, além de fazer arranjos e orquestrações, deveria reger a orquestra da gravadora.

*Chorei...
Porque...
Fiquei...
Sem meu amor
O gavião marvado bateu asa
Foi com ela e me deixou*

A contratação pela RCA solucionou um problema que a música brasileira, especialmente o samba, enfrentava nas gravadoras, cujas orquestras, em geral, eram comandadas por maestros estrangeiros que regiam músicos na sua maioria estrangeiros também.

Como disse Sérgio Cabral, em seu livro *Pixinguinha, Vida e Obra*: “Pixinguinha abraçou as orquestrações de forma tão nítida e radical que se pode dizer, sem qualquer medo de errar, que foi ele o grande pioneiro da orquestração para a música popular brasileira. A canção carnavalesca deve a ele uma boa parcela do seu êxito, ao escrever arranjos com destacada participação da orquestra, criando introduções que ficaram famosas (como a de *O Teu Cabelo Não Nega*, por exemplo)”.

O trabalho na RCA não interrompeu a carreira de compositor. Em parceria com Carmen Miranda (isso mesmo!), ele fez o samba brejeiro *Os Home Implica Comigo* e, com Lourenço Lamartine, os choros *Segura Ele e Aguenta, Seu Fulgêncio*.

Também criou o arranjo definitivo para a marcha junina *Chegou a Hora da Fogueira* (autoria de Lamartine Babo).

Os Oito Batutas encerraram a carreira no As-sírius (1931). Pixinguinha, Donga e João da Baiana fundaram, então, outro conjunto, o Grupo da Guarda Velha, formado, ainda, por Leo, Alfredinho, Bidi, J. Cascata, Waldemar e Mirinho, que viria a fazer apresentações muito concorridas no carnaval de 1932.



6. Donga, Pixinguinha e João da Baiana, no final dos anos 1960

De dia na gravadora, de noite no Dancing Eldorado (hoje Centro Cultural Carioca, na Praça Tiradentes), onde se apresentava como atração fixa da casa. “Conheci Pixinguinha tocando no Dancing Eldorado na Praça Tiradentes, na década de 1930. Era uma pequena orquestra de jazz, como muitas da época. No piano, Centopéia, extraordinário. No ganzá, Vidraça. Eles faziam uma sessão de choro, e eu ali, aprendendo”, escreveu o maestro Radamés Gnattali em seu site oficial.

Tudo junto e ainda mais. Pixinguinha foi nomeado fiscal do Serviço de Limpeza Urbana;

depois, passou para a Secretaria de Viação e Obras Públicas e chegou à Rede Municipal de Ensino, onde atuou como professor de música.

Um filho e um novo grupo

Em 1935, ele e Betty adotaram um menino, que batizaram de Alfredo da Rocha Vianna Neto. Outro presente chegou dois anos depois, quando o cantor Orlando Silva lançou *Carinhoso*, agora com letra de Braguinha. No lado B, outro clássico de Pixinguinha: a valsa *Rosa* (letra de Otávio de Souza).

Carinhoso

*Meu coração, não sei por quê
Bate feliz quando te vê
E os meus olhos ficam sorrindo
E pelas ruas vão te seguindo,
Mas mesmo assim foges de mim.*

Rosa

*Tu és, divina e graciosa
Estátua majestosa do amor
Por Deus esculpura
E formada com ardor
Da alma da mais linda flor*

Mais surpresas à vista: o contrato com a Rádio Mayrink Veiga, para trabalhar como flautista, arranjador e regente. Foi nessa época que ele formou um quinteto com Tute (violão de sete cordas), José Valeriano (violão de seis cordas), Luperce Miranda (cavaquinho e bandolim) e João da Baiana (pandeiro), para o qual compôs o choro *Cinco Companheiros*. Ele encerraria os anos 1930 lançando o lundu *Yaô* (com Gastão Vianna), gravado originalmente como *Yaou Africano*.

O carnaval de 1941 trouxe o sucesso da marchinha *Alá-la-ô*, de Haroldo Lobo e Nássara, com arranjo de Pixinguinha. Nássara disse a Sérgio Cabral: “Sem o grande Pixinguinha, minha música não seria o que é. *Alá-la-ô* teve um parceiro oculto, de gênio”.

Da flauta para o sax



7. Virtuoso tanto na flauta quanto no sax

Uma nova dupla surgiu no cenário musical: Benedito Lacerda na flauta e Pixinguinha no sax tenor. Na ocasião, muitos lamentaram que ele tivesse abandonado a flauta. Mas o fato é que, no novo dueto, Pixinguinha continuou a dar provas de sua genialidade, criando um tipo de contraponto que, segundo o compositor e pesquisador Brasília Itiberê, “é um dos elementos mais complexos e de maiores consequências estéticas que existe na música popular brasileira”.

Contraponto é a técnica de composição na qual não há uma linha melódica principal; as melodias se alternam e se sobrepõem entre si, formando harmonias. Ao criar contrapontos com o sax para a flauta de Benedito Lacerda, Pixinguinha trouxe muito da influência que recebeu, ainda menino, de Irineu Batina e seu oficleide.

Na primeira fornada de discos da dupla, pela RCA Victor, foram registradas algumas gravações antológicas da obra de nosso personagem, como *O Gato e o Canário*, *Um a Zero*, *Vou Vivendo*, *Pagão* e *Sofres porque Queres*. O duo também gravou o choro *Ingênuo*, o preferido de Pixinguinha.



8. Com o parceiro Benedito Lacerda

Um a Zero

*Vai começar o futebol, pois é
Com muita garra e emoção
São onze de cá, onze de lá
E o bate-bola do meu coração
É a bola, é a bola, é a bola
É a bola e o gol!
Numa jogada emocionante
O nosso time venceu
por um a zero
E a torcida vibrou*

Ingênuo

*Eu fui ingênuo
Quando acreditei no amor
Mas, pelo menos
Jamais me entreguei à dor...*

*Chorei o meu choro primeiro
Eu chorei por inteiro
Pra não mais chorar
E o meu coração
Permaneceu sereno, sereno
Expulsando o veneno
Pelo meu olhar...*

O Pessoal da Velha Guarda

Pixinguinha vivia uma fase de múltiplas atividades. Lançou o lundu *Benguelê*, em parceria com Gastão Vianna (o mesmo de *Yôô*), e, logo depois, estreou na Rádio Tupi (1947), com Benedito Lacerda e um regional de grandes músicos, no programa *O Pessoal da Velha Guarda*, de Almirante. O título homenageava o grupo da Guarda Velha, fazendo uma inversão com o nome.

Nos finais de tarde, ele passou a frequentar o Bar Gouveia, uma uisqueria que ficava na galeria do Edifício dos Empregados no Comércio (Centro), onde tinha mesa cativa. Durante 20 anos, marcou ponto por lá, encontrando os amigos para longas e divertidas conversas. Hoje, no local, existe uma estátua sua, caricaturada, feita pelo escultor Otto Dumovich.

A cidade de São Paulo comemorava o quarto centenário (1954), e ele foi convidado a tocar no Parque Ibirapuera no Festival da Velha Guarda, com Almirante, Donga, João da Baiana, Benedito Lacerda e outros craques do samba e do choro. As apresentações foram filmadas pelo fotógrafo húngaro Thomaz Farkas e integram um documentário que pode ser visto no sítio virtual do Instituto Moreira Salles (<http://ims.uol.com.br>).

Mais adiante, ele participou do espetáculo *O Samba Nasce no Coração*, na Boate Casa Blanca (no bairro da Urca). E tocou, também, com seu grupo na recepção festiva à Seleção Brasileira após a conquista da primeira Copa do Mundo, no ano de 1958.



9. Pixinguinha em estúdio de gravação

Mas o grande momento desse final da década de 1950 tinha acontecido um ano antes (1957), quando ele conheceu Louis Armstrong, em um almoço oferecido ao genial compositor e trompetista americano pelo presidente da República, Juscelino Kubitschek, no Palácio Laranjeiras.

Gente da Antiga

O poeta Vinicius de Moraes letrou canções de Pixinguinha, como *Mundo Melhor*, gravada por Elizeth Cardoso, e *Lamento*, o antigo choro *Lamentos*, gravado pelo MPB-4. Vinicius letrou, ainda, *Iemanjá*, *São Francisco de Ouro*, *Samba Fúnebre* e a valsa *Seule*.

Mundo Melhor

*Você que está me escutando
É mesmo com você
que estou falando agora
Você que pensa que é bem
Não pensar em ninguém
e que o amor tem hora
Preste atenção, meu ouvinte
O negócio é o seguinte:
a coisa não demora
E se você se retrai
Você vai entrar bem, ora se vai!*

Lamento

*Morena, tem pena
Mas ouve o meu lamento*

*Tento em vão
Me esquecer
Mas aí, o meu tormento
É tanto, que eu vivo em pranto
Sou tão infeliz
Não há coisa mais triste,
meu benzinho
Que este chorinho que eu te fiz*

Ao lado de Clementina de Jesus e João da Baiana, nosso personagem gravou, em 1968, o LP *Gente da Antiga*, com três lançamentos: *Elizete no Chorinho* e *Aí, Seu Pinguça* (Pixinguinha) e *Batuque na Cozinha* (João da Baiana).



10. Capa do disco *Gente da Antiga*

No mesmo ano, o Museu da Imagem e do Som promoveu o espetáculo *Pixinguinha 70*, no Theatro Municipal. De um dos camarotes, ele saboreou, orgulhoso, suas músicas serem interpretadas por Radamés Gnattali, Jacob do Bandolim, o conjunto Época de Ouro e outras atrações.

O último carnaval

Em 1972, Pixinguinha perdeu sua querida Betty, que estava internada com problemas cardíacos. O sofrimento pela internação da mulher fez com que ele sofresse um infarto

e fosse parar no mesmo hospital. Para não preocupar Betty, trocava o pijama pelo terno, na hora de visita, e ia até o quarto dela, que pensava, naturalmente, que seu marido estava vindo de casa.



11. Betty, Pixinguinha e um amigo do casal

Não chegou a completar um ano e Pixinguinha sofreu um novo infarto, dessa vez fulminante. Era domingo do carnaval de 1973, e ele estava na Igreja de Nossa Senhora da Paz, em Ipanema, para batizar o filho de um amigo, quando caiu, em pleno altar, sem levantar-se mais. A Banda de Ipanema passava ao lado da igreja naquela hora e terminou seu desfile ali, em uma primeira homenagem ao músico maior.

Ainda em vida, ele ganhou um reconhecimento público: a mudança de nome da rua em que morava com Betty, a Belarmino Barreto, em Inhaúma, que, em 1956, passou a chamar-se Rua Pixinguinha. Na cerimônia de inauguração da placa, o prefeito do Rio de Janeiro, Francisco Negrão de Lima, discursou em um palanque montado em frente à casa do homenageado.

Em 1974, seria reverenciado pela escola de samba Portela com o enredo O Mundo Melhor de Pixinguinha, que trazia o belíssimo samba de Evaldo Gouveia e Jair Amorim.

*Lá vem Portela
Com Pixinguinha em seu altar
E altar de escola é o samba
Que a gente faz
E na rua vem cantar
Portela
Teu carinhoso tema é oração
Pra falar de quem ficou
Como devoção
Em nosso coração (Bis)
Pizindim, Pizindim, Pizindim
Era assim que a vovó
Pixinguinha chamava*

A então recém-criada Fundação Nacional de Arte (Funarte) também o prestigiou lançando o Projeto Pixinguinha, para divulgar a música de consagrados artistas por todo o Brasil. A mesma instituição apresentaria em sua Sala Funarte Sidney Miller o show *Uma Rosa para Pixinguinha*, em 1983, com Elizeth Cardoso, Radamés Gnattali e Camerata Carioca e que virou um disco lançado pela própria fundação.



12. O grande Pizindim, Pizinguim, Pixingui, Pixinguinha

Lamartine Babo

*Adeus, ó meu Mosteiro de São Bento (frade à beça)/ Adeus, ó seu Gouveia –
professor de Matemática./ Adeus, ó futebol que se jogava no Travessa,/ A bola nós
fazíamos com as folhas da Gramática!*

Lamartine Babo, inspirado no poema *Meus Oito Anos*, de Casimiro de Abreu, para o Boletim da Associação
dos Antigos Alunos do Ginásio de São Bento, junho/1940





1. Carnaval de rua nos anos 1930/1940

Leopoldo de Azeredo Babo e Bernarda Preciosa Gonçalves de Azeredo Babo tiveram 12 filhos, dos quais apenas três chegaram à idade adulta. O décimo primeiro foi Lamartine, que nasceu em 10 de janeiro de 1904, na Rua Teófilo Otoni, no Centro do Rio, e se tornaria, alguns anos mais tarde, o grande compositor Lamartine Babo, o Lalá.

Dois meses depois que ele nasceu, a família Babo teve que se mudar, pois a casa em que morava estava na lista dos imóveis a serem demolidos pela Prefeitura do então Distrito Federal para a abertura da Avenida Central (atual Rio Branco). A mudança foi para outra casa na mesma rua e, depois, na Rua dos Andradas, perto dali.

Ouvindo musical

Leopoldo tinha um pequeno comércio na Rua Uruguaiana. Um de seus passatempos preferidos era ir ao cinema Odeon, mais para ouvir a orquestra que tocava na sala de projeções do que para assistir aos filmes (mudos, na época).

Tão logo pôde, Leopoldo passou a levar o filho Lamartine com ele. “Filho de pai amante da música e de mãe carnavalesca e festeira, vivendo numa casa onde sempre houve saraus, desde pequeno o garoto teve bom ouvido”, descreve o pesquisador Suetônio Soares Valença em seu livro *Tra-la-lá*, biografia de Lamartine Babo.

De fato, o menino, novinho ainda, já mostrava dotes artísticos. Para o aniversário de 2 anos, aprendeu com sua tia Alice os versos que deveria declamar na festa. Mas, logo que começou, deu um branco: “Como é mesmo, Alice? Me esqueci”, falou, tranquilamente, para o aplauso geral. E foi essa tia, também, quem lhe ensinou as primeiras letras, antes de ele entrar para a escola.

Desde pequeno, Lalá adorava ficar na sacada do sobrado observando o movimento da rua. Ali mesmo, vendo o cartaz de uma corretora de seguros, desandou a ler, surpreendendo a família com sua facilidade de juntar as sílabas.

Aos 6 anos, ia sozinho comprar o leite na esquina. O problema era quando ouvia ao longe uma banda de música e prontamente esquecia a encomenda da mãe, seguindo a fanfarra e deixando a família sem o leite. Ao chegar em casa, depois de levar uma bronca da mãe, ficava cantarolando as melodias que tinha aprendido na rua.

Paixão pelo América

Estava com 8 anos quando assistiu a um Fluminense x América no estádio das Laranjeiras. Imediatamente, apaixonou-se pela camisa vermelho sangue do América, que, por sinal, venceu o jogo. Nascia, ali, uma paixão intensa e para toda a vida.



2. Escudo do América Football Club

Música e poesia

Ir ao cinema, jogar bola de gude, bola de meia e inventar batalhas com os soldadinhos de chumbo eram as diversões de que mais gostava. Mas tinha verdadeiro pavor dos foliões mascarados no carnaval e dos lixeiros, que, naquela época, entravam nas casas para recolher o lixo.

Filho de pais católicos fervorosos, foi obrigado a se vestir de São Sebastião por sete anos consecutivos, na procissão do santo, para pagar uma promessa feita pela mãe. Com ela, aprendeu a montar presépios, que viria a ser um de seus passatempos preferidos. E também compôs um hino, no final da década de 1910, até hoje muito cantado nas igrejas católicas: *Ó Maria Concebida sem Pecado*, que chegou a ser gravado pela cantora Carmen Costa, em 1983.

Com a morte de Seu Leopoldo, em 1916, a família se mudou para uma vila no bairro do Estácio. Com os novos amigos, Lalá divertia-se jogando futebol de bola de meia e indo aos cinemas da região.

No ano seguinte, entrou para o Colégio de São Bento, mas, com as notas muito baixas, teve que sair antes de completar dois semestres. Porém, foi ali que percebeu o talento para os versos. Com o poema *O Frade Que Pedia Esmola*, venceu o primeiro concurso de

poesia dos alunos. Entusiasmado, compôs suas primeiras músicas: o foxtrote *Pandoram* (usando apenas as notas sol, dó e mi) e a valsa *Torturas de Amor*.



3. Lalá, aos 15 anos

Muitos anos mais tarde, já em 1940, Lalá publicou um poema no Boletim da Associação dos Antigos Alunos do Ginásio de São Bento, inspirado no clássico poema *Meus Oito Anos*, de Casimiro de Abreu. Veja os primeiros versos:

*Adeus! ó minha infância
Doce anelo dos meus pais!
Adeus! já estou nos trinta
Mais uns vinte, eis a velhice
Adeus! ó calças curtas
Dos meus tempos colegiais!*

Com a morte do pai, Lamartine precisou interromper os estudos e foi trabalhar como *office-boy* na Light and Power Companhia Ltda., aos 16 anos. Lá, criou o jornalzinho humorístico *O Olho Vivo*, com sonetos, trocadilhos e trovas, tudo de sua autoria. Escrevia à mão, em letra de imprensa, o exemplar único, que circulava por toda a empresa.

Também na Light, criou o bloco Papa Tudo, que desfilava da Rua Larga (atual Marechal Floriano) até a Galeria Cruzeiro, na Avenida Central (Rio Branco). Mais adiante, publicaria textos satíricos nas revistas *Dom Quixote*, *Para Todos* e *Shimmy* (1922).

Gostava de frequentar os teatros Municipal, São Pedro de Alcântara (atual João Caetano) e Lyrico (demolido em 1933). Ficou tão obcecado pelas operetas que escreveu três: *Ci-bele*, *Viva o Amor* e *Lola* (inéditas até hoje). Influenciado por elas, montava orquestras imaginárias com os membros da família, encarregando cada um de emitir um ruído diferente com a boca. Esse hábito de criar orquestras com a boca, fazendo vários sons ao mesmo tempo, ele levaria pela vida artística, sendo lembrado por companheiros de rádio como prova de sua grande musicalidade.

Homem orquestra

Em sua crônica *Tipos da Cidade*, Nestor de Holanda Cavalcanti, do *Diário de Notícias*, escreveu: “Lamartine Babo, Lalá para os íntimos, é uma orquestra completa (...) porque (...) mostra melodias aos amigos, imitando qualquer conjunto instrumental: puxa o trombone do canto direito da boca, o saxofone do canto esquerdo, o pistom do meio, o violino sai pelo nariz, belisca o pescoço e faz pizzicatos, aperta uma narina e imita surdina e, castigando a mesa, pratos, copos, talheres, é melhor que qualquer equipe de ritmistas”.

Pizzicato é a técnica de tocar os instrumentos de corda com arco, pinçando cada uma delas com os dedos.

Sua musicalidade seria destacada também pelo maestro Radamés Gnattali, em depoimento ao *Jornal do Brasil* (30 de julho de 1977): “A maioria dos compositores não

sabia música e passava suas composições para os arranjadores transporem para a pauta. A nós competia vestir a música toda. Um dos poucos compositores que sabiam exatamente o que queria com suas músicas era Lamartine Babo. Ele descrevia todo o arranjo, cantando a introdução, meio e fim, solfejava acordes e sugeria partes instrumentais. A gente só fazia escrever”.

Teatro de revista

Da opereta ao teatro de revista. Primeiro, musicou os espetáculos *Aguenta, Filipe*, *A Mascote* (rebatizada como *Vai Quebrar*) e *Prestes a Chegar*; depois, junto com Djalma Nunes e Jerônimo Castilho, assinou o texto de *Ouro à Beça*, tendo quatro composições suas no repertório: *Os Moços de Hoje*, *Oh! As Mulheres*, *Oh! Nina* e *Ouro à Beça*.



4. Carnaval de rua nos anos 1930

A vontade de compor para o carnaval surgiu depois de desfilar nos blocos *Foi Ela Que Me Deixou* e *Tatu Subiu no Pau*. Começou em 1927, com *Os Calças Largas* (ao lado de Gonçalves de Oliveira), satirizando a moda das calças boca de sino, lançada na Inglaterra.

Três anos depois, venceu o concurso da revista *O Cruzeiro*, com o samba/embolada *Bota o Feijão no Fogo*, e, no ano seguinte, ganhou o certame de músicas carnavalescas da Casa Edison, com a marcha *Bonde Errado*, em votação do público por meio de cupons para o *Jornal do Brasil*. Paralelamente às composições voltadas para o carnaval, escreveu a marcha *Miss Brasil* (com Henrique Vogeler e Júlio Mendes Pereira) para o concurso de 1929 e, ainda, uma canção para cada uma das 21 concorrentes: *Fruta do Pará*, *Vou pro Piauí*, *Mineirinha*, *Perfil de Gaúcha*, *Sergipe*, *Apelido do Amor*, *Bandeirante*, etc.

Estreia em rádio

Em 1930, Lamartine começou no rádio, no programa *Casa dos Discos*, na PRB-7 Educadora (futura Tamoio). Lia textos satíricos e cantava acompanhado pelo (então desconhecido) pianista Ary Barroso. No ano seguinte, estreou *Horas Lamartinescas*, que apresentava com o apelido de Lamartinsky Baboff.

Lalá também teve composições suas gravadas pelo Bando dos Tangarás (de Noel Rosa e João de Barro). Foram elas: Paraíba, Seu Goiás, Chora e Minha Cabrocha (1930); Cor de Prata, Onde Você Está Morando, Gê-Gê (Seu Getúlio) e Nega (1931).

O primeiro grande sucesso, *No Rancho Fundo* (com Ary Barroso), foi lançado em 1931, seguido de *Canção pra Inglês Ver*, influenciada pelo advento do cinema falado, trazendo palavras em inglês e símbolos norte-americanos.

No Rancho Fundo

*No rancho fundo
Bem pra lá do fim do mundo
Onde a dor e a saudade
Contam coisas da cidade...*

Canção pra Inglês Ver

*I love you
Forget sclaine maine Itapiru
Morget five underwood I shell
No bond Silva Manuel*

Tudo ia bem na carreira; já na vida pessoal, o destino fez das suas. A chapeleira Alda, que ele tinha conhecido em 1923, namorado por dois anos e perdera de vista, de repente, reapareceu. Sem coragem de contar que estava comprometido, Lamartine resolveu levar os dois romances em paralelo. É claro que Alda descobriu o que estava acontecendo e o despachou de vez, casando-se com outro.

O episódio rendeu três composições: *Dançando com Lágrimas nos Olhos* (versão de *Dancing with Tears in My Eyes*), *Mais uma Valsa*, *Mais uma Saudade* (com José Maria de Abreu) e *Marchinha do Amor*, cujos versos (abaixo) caíram na boca dos foliões.

Com a letra A

Começa o amor que a gente tem

Com a letra A

Começa o nome do meu bem

(...)

Ai, quem me dera ser professor

Para ensinar o verbo amar!

O ano de 1932 revelou o Lamartine escritor, com a publicação do livro *Pindaíba*, de textos satíricos, e o consagraria como campeão de carnavais. Veja só a lista de sucessos: *Ao Romper da Aurora* (com Ismael Silva), *A.E.I.O.U.* (com Noel Rosa), *Marchinha do Amor*, *Babo... zeira*, *Só Dando com uma Pedra Nela* e *O Teu Cabelo Não Nega* (com João e Raul Valença).

A.E.I.O.U.

A. E. I. O. U.

Dabliú, dabliú

Na cartilha da Juju

Juju

O Teu Cabelo Não Nega

*O teu cabelo não nega, mulata
Porque és mulata na cor
Mas como a cor
não pega, mulata
Mulata eu quero o teu amor*



5. Lamartine no carnaval de 1931

Reconhecido nas ruas

No ano seguinte, continuou com *Aí... hein?* e *Boa Bola* (ambas com Paulo Valença), *A Tua Vida É um Segredo*, *Moleque Indigesto* e *Linda Morena* (estas sem parceiro).

*Linda morena, morena
Morena que me faz pensar
A lua cheia que tanto brilha
Não brilha tanto
quanto o teu olhar
(...)
Antigamente a mulata*

*era a rainha
Desta vez, ó moreninha,
a taça é tua*

Lamartine mostrou Linda Morena ao cantor Mário Reis dentro do Café Universo, no Centro. Naquela tarde, todo o mundo cantou a música até altas horas, quando o dono fechou as portas. Naquele carnaval, enquanto desfilava na Avenida Rio Branco, Lalá foi reconhecido e arrancado do carro em que estava pelos foliões, que o carregaram até a Glória.

Canções juninas

Lalá também assinou clássicos do repertório junino, começando com *Chegou a Hora da Fogueira* (1933). Depois, vieram *Isto É Lá com Santo Antônio* (1934), *Pistolões*, *Roda de Fogo* e *En Avant* (1945).

Chegou a Hora da Fogueira

*Chegou a hora da fogueira!
É noite de São João...
O céu fica todo iluminado
Fica o céu todo estrelado
Pintadinho de balão...*

Isto É Lá com Santo Antônio

*Eu pedi numa oração
Ao querido São João
Que me desse um matrimônio
São João disse que não!
São João disse que não!
Isto é lá com Santo Antônio!*

Mas compor para o carnaval era sua especialidade. Ele refez a segunda parte de *Uma Andorinha Não Faz Verão* (de João de Barro) e escreveu *O Sol Nasceu para Todos*, *Ride Palhaço* (sátira com base na ária *Ridi Pagliaccio*,

do italiano Ruggero Leoncavallo), *Menina Oxygené* (com Hervê Cordovil) e a marchinha que até hoje anima os bailes e o carnaval de rua: *História do Brasil*. Tudo isso em 1934.

Sobre *História do Brasil*, a empolgação pela música deixou passar o erro na data do Descobrimento do Brasil: 22 de abril.

*Quem foi que inventou o Brasil
Foi Seu Cabral, foi Seu Cabral
No dia 21 de abril
Dois meses depois do carnaval
(...)
Do guarani ao guaraná
surgiu a feijoada
E depois o Paraty
Quem foi, quem foi*

Em 1935, os foliões cantaram *Grau Dez* (com Ary Barroso) e *Rasguei a Minha Fantasia*. No ano seguinte, estourou a *Marchinha do Grande Galo* (com Paulo Barbosa). O estribilho está na memória de todos:

*Có có có có có có ró
Có có có có có có ró
O galo tem saudade
Da galinha carijó*



6. Lalá cercado de foliões

Alô Alô Carnaval

Ainda em 1936, o filme *Alô Alô Carnaval* divulgou três composições de Lalá: *Comprei uma Fantasia de Pierrô* (com Alberto Ribeiro), *Cinquenta por Cento de Amor* e *Cantores do Rádio* (com João de Barro e Alberto Ribeiro). O principal sucesso de 1937 não foi uma canção carnavalesca, mas o samba-canção *Serra da Boa Esperança* (letra abaixo).

*Nós os poetas erramos
Porque rimamos também
Os nossos olhos nos olhos
De alguém que não vem*

A música surgiu de uma viagem que ele fez a Dolores da Boa Esperança, em Minas Gerais, para conhecer a fã Nair Pimenta de Oliveira, com quem vinha trocando cartas havia algum tempo. Chegando à cidade, a decepção não poderia ser maior: Nair era, na verdade, o dentista Carlos Alves Neto – um colecionador de retratos de estrelas do rádio que, para fugar a atenção de Lalá, resolveu assinar as cartas com o nome da sobrinha.



7. Uma foto para os amigos

O trabalho no rádio

Lamartine deu um tempo do carnaval (1937) para se dedicar mais ao trabalho na rádio. Estava na Mayrink Veiga, com os programas *Clube da Meia-Noite* e *A Canção do Dia*. Na época, era comum mudar de emissora, e, assim, ele passou para a Nacional, levando os dois programas, sendo que *Clube da Meia-Noite* virou *Clube dos Fantasma*s.



8. Apresentação em programa de rádio

Mas não se contentou só com isso. No mesmo ano, publicou seu segundo livro, *Lamartiniadas*, com versos e textos satíricos, sua especialidade. Compôs, também, o *Hino do Carnaval Brasileiro*, além de *Joujoux e Balangandãs* e *Voltei a Cantar*, para a revista teatral *Joujoux e Balangandãs*.

Em 1941, lançou a valsa *Eu Sonhei que Tu Estavas tão Linda* (com Francisco Matoso), muito tocada em bailes e serestas desde aqueles tempos até os dias atuais.

O primeiro LP, porém, só viria em 1955. Lançado em novembro, *O Carnaval de Lamartine Babo* esgotou antes mesmo do Natal.



9. Capa de disco com músicas de carnaval

Trio de Osso



10. Lamartine, Yara Salles e Héber de Bôscoli

O programa de variedades *Trem da Alegria* estreou na Nacional em 1943 e, por causa de seu sucesso, ficou no ar por 13 anos. Apresentado por Héber de Bôscoli (o maquinista), Yara Salles (a foguista) e Lamartine Babo (o guarda-freios), apresentava informação, serviço, dramaturgia e música, com acompanhamento do Regional de Dante Santoro.

A magreza dos apresentadores inspirou o radialista César Ladeira a chamá-los de Trio de Osso, parodiando o conjunto vocal Trio de Ouro, que era composto por Herivelto Martins, Dalva de Oliveira e Nilo Chagas. O Trem caiu no gosto do povo e foi sempre transmitido de algum teatro para acomodar a plateia cada vez mais numerosa.

Samba em protesto

Quem não gostou nada do que viu e ouviu foi a colunista Magdala da Gama Oliveira, a Mag, que escreveu no *Diário de Notícias*: “Um dos mais detestáveis programas do nosso *broadcasting*”. E foi mais longe: pediu à direção da Rádio Nacional e ao Departamento de Imprensa e Propaganda (o DIP) que varresse o Trio de Osso da programação da emissora. Em resposta a tamanha truculência, os autores Haroldo Barbosa e Janet de Almeida compuseram o samba: *Pra que Discutir com Madame?*.

*Vamos acabar com o samba
Madame não gosta
que ninguém sambe
Vive dizendo
que samba é vexame
Pra que discutir com madame?*

Não por causa de Mag, mas por não se acertarem sobre salários, o Trio de Osso e seu *Trem da Alegria* se transferiram para a rádio Pan-Americana, de São Paulo, em 1944. Antes, porém, fizeram o show *Até Breve, Rio*, no Teatro João Caetano, onde Lamartine apresentou também os hinos que compôs para os clubes participantes do Campeonato Estadual de 1943: América, Bangu, Bonsucesso, Botafogo, Canto do Rio, Flamengo, Fluminense, Madureira, São Cristóvão e Vasco.

A temporada em São Paulo foi brevíssima, e no mesmo ano voltaram ao Rio, estreando na Mayrink Veiga. O Trio de Osso ainda se apresentaria nas rádios Tamoio, Globo, Clube

e Mayrink. Mais adiante, em 1956, o *Trem da Alegria* chegaria à televisão, agora veiculado pela TV Rio, canal 13.

Com a morte de Héber de Bôscoli em junho daquele ano, passou a ser apresentado só por Lamartine e Yara, porém por pouco tempo. Em fevereiro de 1957, Lalá estreou, na mesma emissora, o programa de auditório *Memória Musical de Lamartine Babo*. O ano marcou, ainda, o lançamento da marcha-rancho *Os Rouxinóis*.

Hinos das torcidas



11. Bandeiras dos principais times cariocas

O Brasil vivia a euforia da Copa do Mundo de 1950, e a gravadora Continental lançava as marchas de Lamartine em homenagem aos times cariocas. Além das dez que já tinham sido apresentadas no show do João Caetano, foram acrescentadas ao disco a *Marcha do*

Olaria e a Marcha do Scratch Brasileiro (esta última deveria ser o hino do campeonato, até que a derrota brasileira para o Uruguai acabou com a festa).

Os clubes tinham seus hinos oficiais, mas era difícil empolgar os torcedores com eles. O do Fluminense, que exaltava “a nova raça do nosso Brasil”, foi logo esquecido diante da força de versos como *O Fluminense me domina* e das diferentes segundas partes, reverenciando as cores do tricolor; o do Flamengo, que cantava a luta *Com valor infindo/ Ardentemente, com denodo e fé*, ganhou versos apaixonados, como *Uma vez Flamengo/ Flamengo até morrer*. Já os vascaínos, convocados por Lamartine a entrar no coro *Vamos todos cantar de coração*, deixaram para trás o antigo *Clangoroso apregoa, altaneiro/ O clarim estridente da fama*; os botafoguenses se livraram das metáforas náuticas *Qual nave imensa/ De velas pandas sobre o mar* e ganharam um *grand finale* para ser cantado a plenos pulmões: *Tua estrela solitária te conduz!*.

E o América, time de coração de nosso compositor? Antes era *Farfalhado ao bafejo benedicto da glória*, até ganhar aquela que é considerada a mais bonita das marchas dedicadas aos clubes cariocas: *Pois a torcida americana é toda assim/ A começar por mim*.

Para a primeira parte da música do América, Lalá fez apenas a letra sobre a melodia da canção norte-americana Row, Row, Row. O jornalista Sérgio Cabral perguntou a ele sobre o plágio e ouviu: “Claro, ué... O nome do clube não é América?!”.

O América conquistou o campeonato da primeira divisão do Rio em 1960. Lamartine cumpriu a promessa que havia feito e desfilou pela cidade, em carro aberto, fantasiado de diabo (mascote do clube).



12. Fantasiado de diabo, em homenagem ao América

Em fevereiro de 1963, voltando de uma festa com sua mulher, Maria José Santos Barroso, a Zezé, ele sofreu um infarto e passou 40 dias internado. Sem poder aproveitar o carnaval de rua, que tanto amava, vestiu máscara e bigode de português por cima do tubo de oxigênio e, no hospital mesmo, terminou de compor a marcha-rancho *Desperta, Coração*, sua última música. Em junho, um novo infarto levou de vez Lamartine.

Logo depois de sua morte, foi homenageado com o Festival Lamartine Babo, no Theatro Municipal. Em 1981, desfilando com o enredo O Teu Cabelo Não Nega, a escola de samba Imperatriz Leopoldinense conquistou o bicampeonato do carnaval. Antes da Imperatriz, ele foi enredo da Unidos de São Carlos (Tra-la-lá: um Hino ao Carnaval Brasileiro de Lamartine Babo), em 1972, e da Unidos do Cabuçu (Tua Obra Não Nega, Lalá), em 1980.

Em 2004, no centenário de seu nascimento, o Centro Cultural Banco do Brasil apresentou uma série de shows intitulada *Lamartine em Revista*. Um desses shows foi adaptado para CD e lançado em 2005 pela gravadora Deckdisc: *Lamartiníadas – A Música de Lamartine Babo*, com direção musical de Henrique Cazes e interpretações de Pedro Miranda, Alfredo Del-Penho e Pedro Paulo Malta. Homenagem merecidíssima.

Vinicius de Moraes

O Sr. sabe lá o que é um choro de Pixinguinha?/ O Sr. sabe lá o que é ter uma jabuticabeira no quintal?/ O Sr. sabe lá o que é torcer pelo Botafogo?

Vinicius de Moraes, no poema *Mr. Buster*, dedicado a um americano que não entendia como o poeta, podendo passar mais um ano em Los Angeles, em uma de suas viagens, pretendia voltar ao Brasil





1. A filha Susana de Moraes, Tuca, Vinicius, Maria Lúcia Dahl e Odette Lara nos anos 1960

Marcus Vinitius da Cruz e Mello Moraes nasceu em 19 de outubro de 1913, filho de Lydia e Clodoaldo Pereira da Silva Moraes. Apaixonado pelo latim, Clodoaldo usou a língua predileta para batizar também os outros três filhos: Lygia, Laetitia e Helius. Aos 9 anos, Marcus Vinitius, acompanhado do pai e de Lygia, foi ao cartório simplificar seu nome para Vinicius de Moraes.

Até os 3 anos, o menino e sua família moravam na chácara do avô materno, na Rua Lopes Quintas, no Jardim Botânico, que na época não era considerado um bairro, mas uma parte da Gávea.

O casarão ficava em um terreno com um lago, um galinheiro repleto de faisões, uma estufa de begônias e até uma vaca de estimação. No café da manhã, a família se reunia em torno de uma mesa de pedra para comer iguarias colhidas no próprio pomar.

Olhar distante e resoluto

Embora “travessíssimo, artemista”, dono da “maior coleção de galos” na cabeça e sempre rodeado de muitos amigos (dos quais era sempre o líder), a irmã Laetitia ressalta que Vinicius não foi exatamente uma criança alegre. Tinha o “olhar distante e resoluto”, era dado a reflexões e pensamentos incomuns às outras crianças de sua idade.



2. Vestido com o camisolão branco, traje oficial do menino Vinicius até os 3, 4 anos

No texto *Vinicius, Meu Irmão*, de apresentação da coletânea *Vinicius de Moraes – Poesia Completa & Prosa*, da Editora Nova Aguilar (1961), Laetitia conta que seu irmão puxou muito mais ao temperamento da família do pai, “gente mansa, de fala doce, bons e absurdamente generosos”, mas aponta que “o amor pela vida” foi herdado do lado materno, que tinha como característica uma “intensa vitalidade animal que se traduz no brilho dos olhos, no viço da pele e do cabelo, na palavra fácil e profusa e no gosto pelas coisas da vida”.

Estreia ao piano

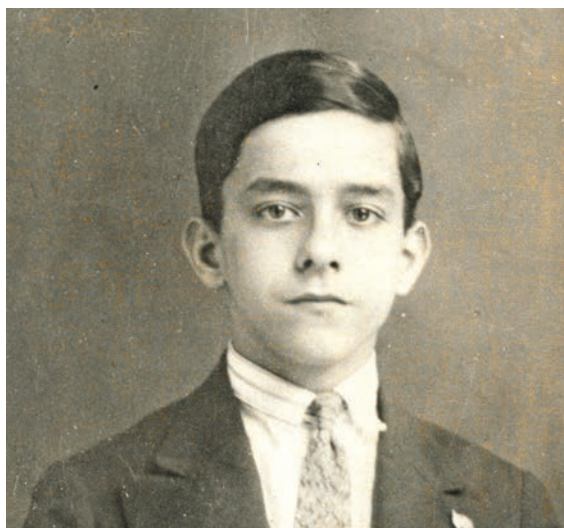
Aos 7 anos, quando já morava em Botafogo, ele conquistou sua primeira plateia. Sentado ao piano da mãe, deslizou as mãos sobre o teclado, arrancando “oooohs!” de quem passava e o via executando peças eruditas complicadas, especialmente para alguém da sua idade. O que ninguém sabia é que ele apenas fingia tocar. O piano tocava sozinho, graças a uma técnica em que se gravava a música em um rolo de papel perfurado que ficava instalado dentro do instrumento.

Os primeiros versos, “quadrinhas sobre situações e manias familiares”, segundo a irmã Laetitia, surgiram aos 8 anos e já “seguiram a métrica e a rima certas”. Ele seguia o exemplo do pai, que também fazia poesias. Só que não publicava. Anos mais tarde, foi citado por Vinicius no poema *Autorretrato (Foi com meu pai, Clodoaldo/ de Moraes, poeta inédito/ Que aprendi a fazer versos)*.

Poeta e letrista

A família se mudou para a Ilha do Governador em 1922. Vinicius ficou com os avós em Botafogo, para não deixar a Escola Municipal Afrânio Peixoto, onde estudava. Mas passava os fins de semana e as férias na companhia dos pais. Foram momentos inesquecíveis para o Poetinha: o nado de ponta a ponta na Praia de Cocotá, a pesca noturna de siri e as incursões à casa mal-assombrada na Praia do Barão.

Em 1924, ele entrou para o Colégio Santo Inácio. Participava do grupo de teatro e do coro e escreveu com um colega o poema *Os Acadêmicos*. Aos 14 anos, formou, com os irmãos Haroldo e Paulo Tapajós, um grupo musical, para se apresentar nas casas de amigos e em festas do Santo Inácio. Com a dupla, assinou, também, suas primeiras composições como letrista: *Loura ou Morena* (com Haroldo) e *Canção da Noite* (com Paulo).

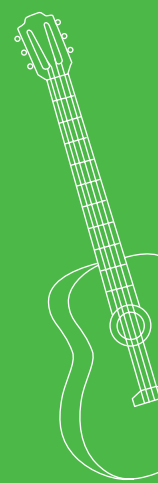


3. Um adolescente de talento

Foi uma época de intensa produção de poemas, que ele levou ao poeta João Lira Filho. A reação foi a pior possível: “Busque seu talento em outro lugar”. Mas ele, por sorte, não levou o conselho a sério. Além da poesia e da música, era apaixonado por cinema, fã especialmente dos filmes de Charles Chaplin, a que assistia repetidamente. Por causa deles, seis anos mais tarde, já universitário, veio a criar, com outros amigos, o primeiro Chaplin Club da América do Sul.

Ainda não tinha 18 anos quando ingressou na Faculdade de Direito do Catete. Lá, participava das atividades do Centro Acadêmico Jurídico Universitário, onde aconteciam os principais debates políticos entre os alunos. Editava, também, uma revista artesanal chamada *O Fã*, que rendeu oito edições, vendidas nas principais bancas do Centro da cidade. Da mesma fase são os seis foxtrotes que compôs em parceria com os irmãos Tapajós: *Honolulu* e *Canção da Noite* (com Paulo) e *Diga, Moreninha, O Beijo Que Você Não Quis Dar, Nosso Amor de Criança* e *Namorado da Lua* (com Haroldo).

Em 1933, publicou *O Caminho para a Distância*, reunindo 40 poemas. Foi o primeiro de uma série de 15 livros, de prosa e poesia, que ele escreveu até 1976. A relação completa dos títulos está no fim deste capítulo.



Samba e Itamaraty



4. O jovem das letras e das melodias

Estamos em 1935, e Vinicius se apaixonou por Antônio, filha de uma tradicional família paulista. “Poetas não têm futuro!”, bradou o pai da moça, e o romance encerrou antes de começar. A Antônio, foram dedicados os versos de *A Infância do Poeta e Patético*.

No ano seguinte, conheceu Prudente de Moraes Neto, que o levou para frequentar o mundo do samba, aproximando Vinicius do compositor Ismael Silva. Com ele, o Poetinha caminhava pelas ruas do Centro da cidade, parando, eventualmente, no Café Nice, dentro da Galeria Cruzeiro.

Em 1938, ele foi para a Inglaterra estudar a língua e a literatura inglesas, aprofundando-se em Shakespeare. Trocava correspondências com a namorada Beatriz Azevedo de Mello, a Tatí, que ficou no Brasil e com quem se casou em 1939, por procuração. Tiveram dois filhos: Susana e Pedro.

Estavam visitando Paris, ainda nesse ano, quando eclodiu a Segunda Guerra Mundial. Sem poder voltar à Inglaterra, seguiram para Lisboa, onde aguardaram 45 dias para poder regressar ao Brasil. Foi quando ele escreveu o *Soneto da Fidelidade*, dedicado a Tatí.

Três anos depois, foi nomeado para o Itamaraty. O novo cargo o levou a conhecer o escritor e socialista americano Waldo Frank, a quem acompanhou em viagem pelo Norte e Nordeste do Brasil.

Ver a miséria de tão perto durante os 40 dias de viagem marcou sua vida. “Saí do Rio um homem de direita e voltei um homem de esquerda”, declarou, em 1943, o futuro autor de *afrossambas*, que, em Salvador, conheceu a comida típica e a capoeira. Dali em diante, sua poesia também se transformou.

Rio/EUA/Rio/Paris

No começo de 1945, passou a escrever para o *Diário Carioca* e, logo depois, para a revista *Diretrizes*, que fazia oposição ao governo Vargas. No ano seguinte, deixou a mulher Tatí para viver com Regina Pederneiras, de 23 anos, quem já namorava, às escondidas, e que se tornou sua segunda esposa. Foram morar em Los Angeles – ele como vice-cônsul do Brasil. O casamento não durou um ano, e Vinicius chamou de volta Tatí, que embarcou com os filhos para encontrá-lo.

Na estada norte-americana, ele frequentou a casa da cantora Carmen Miranda, aproximou-se do crítico de cinema Alex Viany, conheceu o cineasta Orson Welles e virou fã de Louis Armstrong. Foi um tempo também de escrever poesias e lançar livros. Mas, em 1950, recebeu a notícia da morte do pai. Elegia na *Morte de Clodoaldo Pereira da Silva Moraes, Poeta e Cidadão*:

*A morte chegou pelo interurbano
Em longas espirais metálicas
Era de madrugada
A voz de minha mãe, viúva
De repente não tinha pai
No escuro de minha casa
em Los Angeles
Procurei recompor tua lembrança*

Ao regressar dos Estados Unidos, em 1951, ele se casou com Lila Maria Esquerdo e Bôscoli, de 21 anos, mãe de suas filhas Georgiana e Luciana. No Rio, escrevia uma coluna sobre cinema no jornal *Última Hora*. Já havia publicado crônicas e dirigido o suplemento literário de *O Jornal*, além das colaborações com o *Diário Carioca* e a revista *Diretrizes*.

Convocado por Samuel Wainer, proprietário de *Última Hora*, aceitou responder ao correio sentimental do recém-criado semanário *Flan*. Assinava como Helenice. Logo depois, passou a assinar com o nome verdadeiro a coluna Diz-Que Discos, sobre as novidades do mercado fonográfico. Na mesma época, escreveu para a revista *A Vanguarda*.

No ano de 1953, letrou o primeiro samba: *Quando Tu Passas por Mim*, parceria com Antonio Maria. A dupla compôs, ainda, *Dobrado de Amor a São Paulo*. Nesse mesmo ano, Vinicius mudou-se para Paris, como segundo secretário da Embaixada do Brasil. Lá, fez letras para 13 canções de câmara do maestro Cláudio Santoro e escreveu a peça *Orfeu da Conceição*.

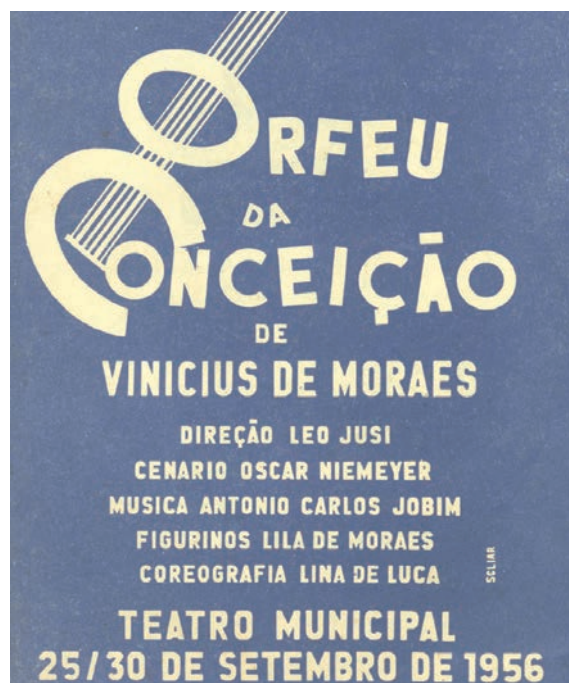
O encontro com Tom

Em 1956, de volta ao Rio, foi apresentado oficialmente a Tom Jobim, e combinaram que o maestro faria as músicas de *Orfeu da Conceição*. Em duas semanas, Tom entregou a primeira fornada de composições, incluindo: *Lamento no Morro*, *Eu e o Meu Amor*, *Um Nome de Mulher*, *Sempre Mulher* e *Se Todos Fossem Iguais a Você* (letra abaixo).

*Vai tua vida,
Teu caminho é de paz e amor
Vai tua vida
É uma linda canção de amor
Abre os teus braços
E canta a última esperança
A esperança divina*

*de amar em paz
Se todos fossem iguais a você
Que maravilha viver*

Orfeu da Conceição estreou em 1956, no Theatro Municipal. Pode-se dizer que, a partir de *Orfeu*, Vinicius entrou de vez para a música popular, deixando a poesia em segundo plano.



5. Cartaz da peça *Orfeu da Conceição*

Dois anos depois, o quarto casamento: com Maria Lúcia Faria de Proença, de 30 anos, inspiradora da crônica *Para Viver um Grande Amor*. Lucinha é apontada pelo biógrafo José Castello (*Vinicius de Moraes – o Poeta da Paixão*) como o grande amor da vida de Vinicius, que ainda era casado quando começou a namorar a moça, em Paris. Lucinha deixou marido e filho para morar com ele.

Junto com Tom Jobim, veio o disco *Canção de Amor Demais*, que reunia o samba tradicional (*Estrada Branca*, *Luciana* e *As Praias Desertas*) a um novo tipo de samba que surgia (*Chega de Saudade* e *Outra Vez*). O LP é considerado o marco inicial da bossa nova, pelo tipo de letra, pelas harmonias inovadoras de Tom e pelo violão de João Gilberto.

Chega de Saudade

*Vai minha tristeza
E diz a ela que sem ela não
pode ser
Diz-lhe numa prece
Que ela regresse
Porque eu não posso mais sofrer
Chega de saudade
A realidade é que
sem ela não há paz
Não há beleza
É só tristeza e a melancolia
Que não sai de mim
Não sai de mim, não sai*

João Gilberto gravou a canção Chega de Saudade em um 78rpm que vendeu, em seis meses, 15 mil cópias, um número surpreendente para a época. Em 1959, seu LP Chega de Saudade teve vendagem inicial de 35 mil cópias.



6. Vinicius e Tom ao piano. João Gilberto ao violão

O sucesso da dupla Tom/Vinicius chegou à capital federal. Em 1960, os dois foram convidados pelo presidente Juscelino Kubitschek para ir a Brasília. Hospedaram-se no Catetinho (sede provisória do governo), onde compuseram *Brasília*, *Sinfonia da Alvorada*.

Novos parceiros

Depois das primeiras composições com Tom Jobim, incluindo *Brigas Nunca Mais* e a belíssima *Eu Sei que Vou Te Amar* (letra abaixo), o Poetinha ganhou novos parceiros de peso: Carlos Lyra e Baden Powell.

*Eu sei que vou te amar
Por toda a minha vida
Eu vou te amar
Em cada despedida
eu vou te amar
Desesperadamente,
Eu sei que vou te amar*



7. Com o amigo e parceiro de tantas canções Carlos Lyra

Carlos Lyra, violonista, cantor e compositor, procurou-o, dizendo-se interessado em suas “letrinhas”. Ao mostrar as músicas que tinha, Vinicius prometeu que faria os versos “em uma semaninha”. E assim foi.

Em pouco tempo, Vinicius percebeu que as melodias de Lyra sugeriam uma “comedi-nha musical”. Logo essas melodias viriam a compor a peça *Pobre Menina Rica*, encenada em 1991, mas que teve sua trilha sonora reunida em LP no ano de 1964.

Fazem parte do repertório do disco *Sabe Você*, *Primavera*, *Maria Moita* e *Samba do Carioca*. A dupla assinou, ainda, uma série de sucessos ao longo dos anos, entre eles *Marcha da Quarta-Feira de Cinzas* (letra na página seguinte), gravada também em 1964.

Marcha da Quarta-Feira de Cinzas
 Acabou nosso carnaval
 Ninguém ouve cantar canções
 Ninguém passa mais
 Brincando feliz
 E nos corações
 Saudades e cinzas
 Foi o que restou



8. Com Baden Powell, com quem compôs os afrossambas

Já no encontro com Baden Powell, foram apresentadas *Cantiga de Ninar Meu Bem* e *Sonho de Amor e Paz*, que, rapidamente, ganharam versos do compositor e violonista. Depois, vieram *Consolação*, *Samba em Prelúdio*, *Labareda*, *O Astronauta*, *Berimbau*, uma leva de afrossambas e, também, *Amei Tanto*, *Pra que Chorar* e *Samba da Benção* (letra abaixo).

*É melhor ser alegre
 que ser triste
 Alegria é a melhor
 coisa que existe
 É assim como a luz no coração
 Mas pra fazer um
 samba com beleza
 É preciso um bocado de tristeza
 É preciso um bocado de tristeza
 Senão, não se faz
 um samba não*

Primeiro LP, três casamentos

Vinicius e Odette Lara foi o primeiro LP que gravou como cantor, em 1963. Além de parcerias com Baden Powell, no disco estão cinco composições com Ary Barroso, entre elas, *Rancho das Namoradas*.

Paralelamente ao lançamento do disco, o quinto casamento, dessa vez com Nelita Abreu Rocha, de 19 anos, musa da canção *Minha Namorada* (com Carlos Lyra). Nelita tinha um namorado; Vinicius não estava oficialmente separado de Lucinha. A solução? De novo, Paris, aonde foi servir na delegação brasileira da Unesco.

Emiliano Di Cavalcanti, que pintava as esposas do amigo, não se conteve: “Tem certeza de que essa é a definitiva?”. Diante do silêncio de Vinicius, Di não teve saída: “Está bem! Eu pinto mais essa, mas fique sabendo que é a última!”.

Vinicius voltou ao Brasil e, em 1964, apresentou-se com Dorival Caymmi, o Quarteto em Cy e o conjunto de Oscar Castro Neves na boate Zum Zum (Copacabana), em temporada que durou até 1965.

Nesse ano, participou do I Festival Nacional de Música Popular Brasileira (TV Excelsior), em que foi, ao mesmo tempo, campeão e vice-campeão. Venceu com *Arrastão* (dele em parceria com Edu Lobo, interpretada por Elis Regina), e o segundo lugar ficou com *Valsa do Amor Que Não Vem* (dele e de Baden, defendida por Elizeth Cardoso).

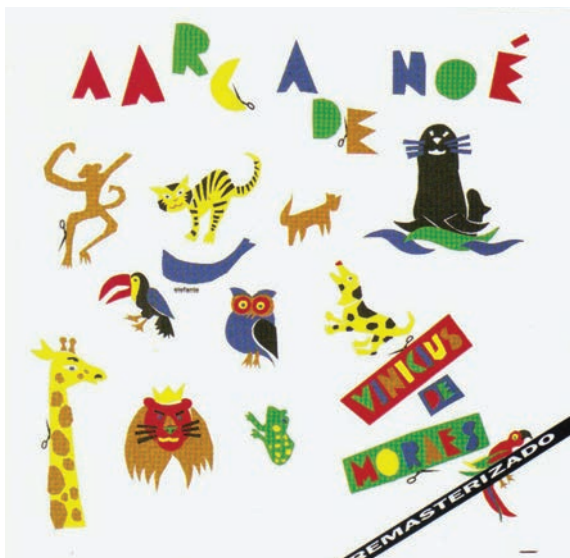
A década de 1960 continuava agitada. Houve o lançamento do LP *Os Afrossambas de Baden e Vinicius* (1966), a primeira parceria com Chico Buarque, na valsa *Gente Humilde* (1968), a exoneração do Itamaraty pelo



regime militar (1969) e a união com Cristina Gurjão, de 29 anos, de quem teve a filha caçula, Maria. Mas, ainda durante a gravidez da mulher, ele começou a se relacionar com a baiana Gesse Gessy, de 30 anos, e logo foi morar com ela na Bahia, em uma casa de frente para o mar de Itapuã.

Gente Humilde era um tema instrumental de Garoto. Vinicius fez a letra e entregou-a a Chico, dizendo: “Põe dois versos a mais nela que eu te dou parceria”. Chico, então, escreveu: Pela varanda flores tristes e baldias/ Como a alegria que não tem onde encostar. Estava inaugurada a parceria, que renderia sucessos como: Desalento (1970), Valsinha, Samba de Orly (com Toquinho) e Olha Maria (com Tom Jobim), as três de 1971.

Arca de Noé



9. Capa do disco *A Arca de Noé*, com músicas infantis

Os anos 1970 começaram com um novo parceiro: o violonista e compositor paulistano Antônio Pecci Filho – ou Toquinho. A primeira composição foi *Como Dizia o Poeta*, seguida de *Tarde em Itapoã*, *A Tonga da Mironga*

do Kabuletê e *Sei Lá... A Vida Tem Sempre Razão*. Dois anos depois, eles assinariam a trilha da telenovela *Nossa Filha Gabriela*.

Como Dizia o Poeta

*Quem já passou por essa vida
E não viveu
Pode ser mais
Mas sabe menos do que eu*

Na literatura, foi lançado o livro *A Arca de Noé*, de poesias infantis. Por sugestão do compositor Sérgio Bardotti, o poeta verteu os versos para o italiano, musicou e gravou o LP *L'Arca – Canzoni per Bambini*, com destaque para a canção *La casa* (dele e de Bardotti). Quem não se lembra dela?

*Era uma casa muito engraçada
Não tinha teto, não tinha nada
Ninguém podia entrar nela, não
Porque na casa não tinha chão
Ninguém podia dormir na rede
Porque na casa
não tinha parede
Ninguém podia fazer pipi
Porque penico não tinha ali
Mas era feita com muito esmero
Na rua dos bobos, número zero*



10. Ao lado de Joyce Moreno, amiga e intérprete de suas músicas

Corria o ano de 1972, e a dupla Vinicius/Toquinho começou um roteiro de viagens, dentro do Brasil (pelo circuito universitário de shows) e no exterior. Nessas excursões, costumavam dividir o palco com alguma cantora, como Maria Creuza, Marília Medalha, Maria Bethânia, Clara Nunes e Joyce Moreno.

Na onda das trilhas de telenovela, seguiu-se *O Bem-Amado*, de Dias Gomes (1974). No mesmo ano, saiu o LP *Toquinho & Vinicius*, com: *Carta ao Tom 74*, *Tudo na Mais Santa Paz*, *Como É Duro Trabalhar*, *As Cores de Abril* e *Samba pra Vinicius*, homenagem de Toquinho coassinada por Chico Buarque.

Para o teatro, o poeta fez, com Edu Lobo, a trilha de *Deus Lhe Pague*, de Joracy Camargo (1976). Ainda em 1976, casou-se pela oitava vez, agora com a argentina Marta Rodrigues Santamaria, de 23 anos. Foi a fase em que circulou com muitos shows por Buenos Aires e outras cidades argentinas.

Show no Canecão

A temporada histórica no Canecão, no Rio, aconteceu em 1977, com Tom Jobim, Toquinho e Miúcha, completou 90 apresentações e se transformou no LP *Tom, Vinicius, Toquinho, Miúcha – Gravado ao Vivo no Canecão*.



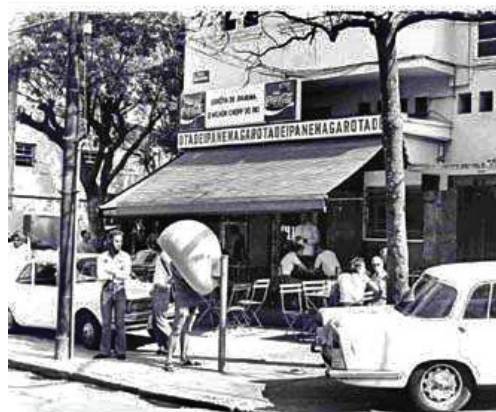
11. LP *Tom, Vinicius, Toquinho, Miúcha – Gravado ao Vivo no Canecão*

Em 1978, já estava casado com Gilda de Queirós Mattoso. Voltava com ela da Europa, no ano seguinte, quando sofreu um acidente vascular cerebral (AVC) em pleno voo. Em abril de 1980, um novo AVC o levou à sala de cirurgia. Três meses depois, Vinicius morreu, em casa, na Gávea, de madrugada.

O LP *A Arca de Noé*, em português, foi lançado no mesmo ano. No rastro de seu sucesso, saiu *A Arca de Noé 2*, em 1981. O disco virou um programa de TV: *Vinicius para Crianças*, que venceu o Emmy (maior prêmio da televisão americana) naquele ano.

Em nome do poeta

Depois da morte do Poetinha, foram gravados alguns discos em sua homenagem: *De Baden para Vinicius* (Baden Powell) e *Ao Meu Amigo Vinicius – Samba É Isso* (Milton Banana), ambos em 1981.



12. Bar Veloso, depois chamado de Garota de Ipanema

Uma referência especial ao poeta em 1981: a Rua Montenegro, em Ipanema, onde fica o bar Garota de Ipanema (na época, chamado de Veloso), que ele, o parceiro Tom Jobim e outros nomes da bossa nova frequentavam, passou a se chamar Rua Vinicius de Moraes.

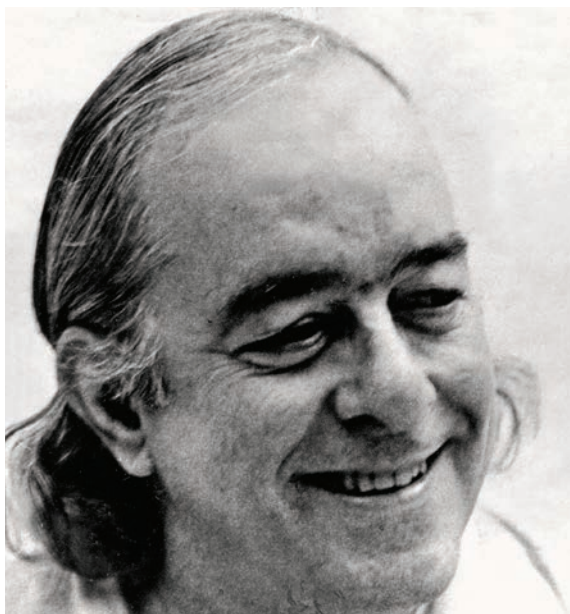
Joyce Moreno gravou *Vinicius de Moraes – Negro Demais no Coração*, em 1988, quando ele completaria 75 anos. O *Songbook Vinicius de Moraes* saiu em 1993, e também *Vinicius em Cy* (do Quarteto em Cy), quando ele faria 80 anos.

Mais homenagens

As homenagens continuaram com o lançamento póstumo do LP *Aquarela*, tendo Toquinho, Guido Morra e Maurizio Fabrizio como seus parceiros.

Em 1994, foram publicadas duas biografias suas: *Vinicius de Moraes – o Poeta da Paixão* (de José Castello) e *Vinicius sem Ponto Final* (de José Carlos Pecci).

O CD *Vivendo Vinicius ao Vivo* (gravação do show de 1988, no Teatro João Caetano, pelos 75 anos de nascimento do poeta) só veio a ser lançado em 1999. Em 2003, saiu *Miúcha Canta Vinicius & Vinicius*, quando ele completaria 90 anos. E, três anos depois, chegou às telas o documentário *Vinicius*, do cineasta Miguel Faria Jr., com depoimentos, poemas e números musicais sobre o nosso notável poeta e diplomata.

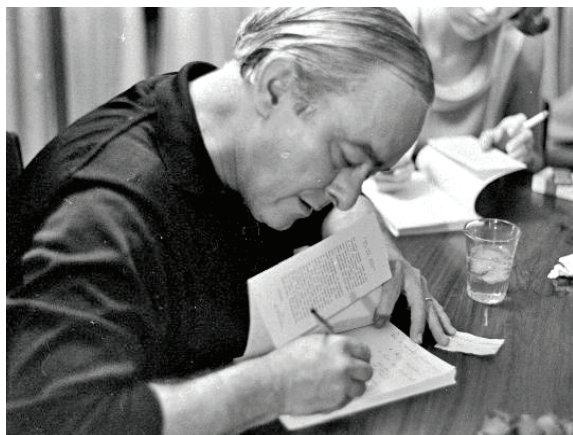


13. Entre prosa e verso, 15 livros publicados

Livros de 1 a 15

- » *O Caminho para a Distância*, 1933.
- » *Forma e Exegese*, 1936.
- » *Ariana, a Mulher*, 1936, com uma única poesia.
- » *Novos Poemas*, 1938.
- » *Cinco Elegias*, 1943.
- » *Poemas, Sonetos e Baladas*, 1946, que inclui: *Soneto de Fidelidade*; *O Dia da Criação*; *Soneto de Separação*; e *Apelo*, mais tarde musicado por Baden Powell.
- » *Pátria Minha* (livro-poema), 1949. *Pátria Minha* foi declamado por Vinicius em Portugal no dia seguinte à promulgação do Ato Institucional nº 5.
- » *Antologia Poética*, 1954. Destaque para *Poética* e *Poema Enjoquinho*.
- » *Livro de Sonetos*, 1957.
- » *Novos Poemas (II)*, 1959, incluindo *Poema dos Olhos da Amada* e *Receita de Mulher*.
- » *Para Viver um Grande Amor*, 1962. O time do coração é lembrado em *O Anjo das Pernas Tortas* (homenagem a Mané Garrincha).
- » *Obra Poética de Vinicius de Moraes*, 1968. Teve edição ampliada em 1998: *Vinicius de Moraes – Poesia Completa e Prosa*.
- » *A Arca de Noé*, 1970, de poemas infantis.
- » *História Natural de Pablo Neruda – a Elegia Que Vem de Longe*, 1974.
- » *Un Signo, una Mujer*, 1976, editado na Argentina. Apresenta 12 poemas que relacionam o temperamento das mulheres a seus signos no zodíaco. Em 1980, foi lançado no Brasil, com o título *A Mulher e o Signo*.

Veja, agora, alguns trechos das poesias mais conhecidas de Vinicius:



14. O poeta em uma de suas muitas noites de autógrafos

Soneto da Fidelidade

*De tudo, a meu amor
serei atento
Antes e com tal zelo
e sempre e tanto
Que mesmo em face
do maior encanto
Dele se encante mais
meu pensamento
(...)
E assim, quando mais tarde
me procure
Quem sabe a morte,
angústia de quem vive
Quem sabe a solidão,
fim de quem ama
Eu possa me dizer
do amor que tive
Que não seja imortal,
posto que é chama
Mas que seja infinito
enquanto dure*

O Dia da Criação

*(...)
Neste momento
há um casamento
Porque hoje é sábado.
Há um divórcio e um violamento
Porque hoje é sábado.*

*Há um homem rico que se mata
Porque hoje é sábado.
Há um incesto e uma regata*

Soneto da Separação

*De repente do riso
fez-se o pranto
Silencioso e branco
como a bruma
E das bocas unidas
fez-se a espuma
E das mãos espalmadas
fez-se o espanto
(...)
Fez-se do amigo próximo,
distante
Fez-se da vida
uma aventura errante
De repente,
não mais que de repente*

Pátria Minha

*Não te direi o nome
Pátria minha
Teu nome é pátria amada
É patriazinha
Não rima com mãe gentil
Vives em mim
como uma filha que és
Uma ilha de ternura
A Ilha Brasil, talvez*

Poética

*De manhã escureço
De dia tardo
De tarde anoiteço
De noite ardo.
(...)
Nasço amanhã
Ando onde há espaço:
Meu tempo é quando*

Poema Enjoadinho

*Filhos... Filhos?
Melhor não tê-los!
Mas se não os temos*



Como sabê-los?
(...)
Chupam gilete
Bebem xampu
Ateiam fogo
No quarteirão
Porém, que coisa
Que coisa louca
Que coisa linda
Que os filhos são!

Receita de Mulher

As muito feias que me perdoem
Mas beleza é fundamental.
É preciso que haja
Coisa de flor em tudo isso
Qualquer coisa de dança,
(...)

Ah, que a mulher
dê sempre a impressão
De que se fechar os olhos
Ao abri-los
ela não estará mais presente
Com seu sorriso e suas tramas
Que ela surja, não venha
Parta, não vá
E que possua
uma certa capacidade
De emudecer subitamente
E nos fazer beber
O fel da dúvida

Para Viver um Grande Amor

Para viver um grande amor
Preciso é muita concentração
E muito siso
Muita seriedade e pouco riso
Para viver um grande amor
(...)
Para viver um grande amor
Primeiro é preciso
Sagrar-se cavalheiro
E ser de sua dama por inteiro
Seja lá como for

O Operário em Construção

(...)
Era ele que erguia casas
Onde antes só havia chão.
Como um pássaro sem asas
Ele subia com as casas
Que lhe brotavam da mão.
Mas tudo desconhecia
De sua grande missão:
Não sabia, por exemplo
Que a casa de um homem
é um templo
Um templo sem religião
Como tampouco sabia
Que a casa que ele fazia
Sendo a sua liberdade
Era a sua escravidão

Rosa de Hiroshima

Pensem nas crianças
Mudas telepáticas
Pensem nas meninas
Cegas inexatas
Pensem nas mulheres
Rotas alteradas
Pensem nas feridas
Como rosas cálidas
Mas, oh, não se esqueçam
Da rosa da rosa
Da rosa de Hiroshima
(...)
Sem cor sem perfume
Sem rosa, sem nada



15. Poeta, diplomata, compositor, cantor Vinicius de Moraes

Tom Jobim

*Eu estou metido nesse negócio de ecologia desde que me entendo por gente.
Só não sabia que tinha esse nome.*

Tom Jobim, em um especial da Rede Globo



Chega de Saudade
Vai, minhas tristezas
E diz a ela que sem ela não
[pode ser]
Diz-lhe numa prece
Que ela regressar porque eu não
[posso mais sofrer]
Chega de saudade
A realidade é que sem ela
nas há paz
Mas há belezas, é só tristezas
[a melancolia]
Que vai, vai de mim
Mas tá de mim, não vai.
x x
Mas se ela voltar
e ela voltar, eu cáio 125



1. Antônio Carlos Jobim na década de 1960

Foi em 25 de janeiro de 1927 que nasceu, na Tijuca, Antônio Carlos Brasileiro de Almeida Jobim, primeiro filho de Nilza Brasileiro de Almeida e Jorge de Oliveira Jobim.

O menino ainda não tinha 1 ano quando a família, envolvida em dificuldades financeiras, teve que trocar a Tijuca por Ipanema, naquela época um imenso areal totalmente desvalorizado. A casa nova ficava em uma rua de terra, a Barão da Torre. Dois anos depois, uma nova mudança, dessa vez para a Travessa Trianon, transversal à Rua Siqueira Campos, em Copacabana. Foram morar lá: Jorge, Nilza, sua mãe, Mimi, o pai, Azor, os irmãos Marcello e Yolanda e o pequeno Antônio Carlos.



2. Aos 3 anos, o menino Tom-Tom

Helena Isaura, a segunda filha de Nilza, nasceu em 1931. Ainda criança, chamava o irmão de Tom-Tom, sem imaginar que anos depois

ele seria Tom Jobim, compositor e músico brasileiro de maior sucesso no exterior, um dos maiores nomes da música popular da segunda metade do século XX.

Com a morte de vovó Mimi, todos se mudaram para um sobrado na Rua Constante Ramos, também em Copacabana, bem pertinho do Cinema Americano, aonde Antônio Carlos costumava ir assistir aos filmes do herói Tom Mix.

O avô como ídolo

Outro passeio que ele adorava fazer era com o avô Azor, pelo Morro do Cantagalo, sempre voltando com os bolsos cheios de topázios e ametistas, além de pedaços de bambu com os quais montava pipas para soltar nos terrenos baldios de Ipanema. “As subidas ao Morro do Cantagalo passaram a fazer parte da rotina do menino até a adolescência, quando ia sozinho e permanecia horas e horas contemplando os passarinhos, os camaleões, os calangos e os lagartos”, escreveu o pesquisador Sérgio Cabral em *Antônio Carlos Jobim – uma Biografia*.

Em 1935, Tom entrou para o Colégio Mallet Soares, em Copacabana, onde, segundo a professora Fabíola Araújo Bittencourt, “aprendeu a ler e a escrever em apenas três meses”. E conta: “Eu inventava umas

historinhas para os alunos escreverem direito. Como estávamos em uma época em que se falava muito em guerra, eu dizia que as linhas do caderno eram trincheiras e que as letras não deveriam ser escritas fora da linha, fora da trincheira, senão levavam tiros de traços vermelhos”. Tom passou a fazer o dever de casa com letras tão pequenas que mal se lia. E justificou: “Escrevendo miudinho, as letras escapavam dos tiros”.



3. Aos 7 anos, vestido de marinheiro

O interesse pela leitura começou com o livro *Juca e Chico*, de Wilhelm Busch, traduzido por Olavo Bilac. Ele também gostava da poesia de Bilac e dos livros de Monteiro Lobato.

Jorge Jobim morreu em 1935, e, apesar da pouca convivência com o pai, Tom repetiria hábitos e manias dele, como: ler dicionários e carregar uma maleta de remédios para todos os lugares a que ia.

Nilza se casou novamente, agora com o matemático Celso da Frota Pessoa, e todos voltaram para Ipanema, na Rua Almirante Saddock de Sá. Desse tempo, Tom se lembrava especialmente da praia com sua areia

fina, “que cantava no pé e fazia cuim, cuim, cuim”, e do mar límpido, azul, transparente, cheio de peixes. “Havia dias que não caíamos n’água com medo dos peixes. Tinha cação nas sombras das pedras, deitado num canto. Às vezes, uma raia-jamanta, outras, um rubim. A gente jogava pedra pro peixe sair e poder tomar banho”, contou em depoimento a Sérgio Cabral. “A Lagoa era a coisa mais piscosa do mundo, cheia de pássaros aquáticos, garças, marrecos. Até pato pou-sava nela, o carapirá, o João-grande. O atobá não tanto, porque o atobá gosta mesmo de mar alto. Tinha parati, tinha robalo. Os peixes adoravam a Lagoa.”

Ele se divertia também com os amigos “pegando jacaré” nas ondas, jogando bola de gude na areia e travando batalhas nas quais a munição eram os frutos que caíam das amendoeiras e pitangueiras da orla e da Lagoa.

Na escola, porém, seu desempenho não era lá dos melhores. Ao contrário. Depois de terminar o curso primário, Tom foi fazer o ginásio no Externato Melo e Souza, em Copacabana. Com notas péssimas e reprovado logo no primeiro ano, passou para o Colégio Andrews. O boletim continuou ruim, e ele mudou muitas vezes de colégio durante toda a sua vida escolar.

Em 1938, Nilza fundou em casa um jardim de infância: a Escola Brasileira, que, em 1946, com a inclusão do curso ginásio, viria a se chamar Colégio Brasileiro de Almeida. Como parte do equipamento adquirido para a escolinha, ela alugou um piano Bechstein, contando que o instrumento inspiraria Helena a se tornar pianista. Tom preferia mesmo o futebol e o vôlei de praia.

Ele também adorava os dias de sábado, quando a família, liderada pelo canto de Nilza e de Yolanda, se juntava para cantar Pixinguinha, Bororó, Custódio Mesquita, Noel Rosa, Lupicínio Rodrigues, Ary Barroso, Dorival Caymmi, Ataulfo Alves. Tio Marcello



mostrava seus sambas, tio João tocava peças eruditas no violão, e vô Azor lia poemas para os netos.

Nas férias, a família viajava para Javari, próximo a Miguel Pereira, onde um parente tinha um hotel. Nesse “lugar paradisíaco, com um grande açude, belo e misterioso, e um bosque repleto de pássaros, Tom acordava de madrugada, bebia leite no curral e cavalgava para ver o sol nascer atrás do morro”, relatou a irmã Helena.



4. A praia, o programa preferido do jovem Tom

Piano e Thereza

O interesse pelo piano começou aos 13 anos, quando, ao voltar da praia, “comia aquele arroz com feijão e, para a digestão perfeita, deitava no cimento frio da garagem”, onde estava o piano.

Assim, ele se familiarizou com as teclas e arriscou os primeiros acordes. Logo, passou a ter aulas com um professor contratado por sua mãe para a Escola Brasileira.

As aulas duraram pouco mais de um ano, mas o aluno nunca mais deixou o piano. Dois anos depois, ele conheceu o futuro parceiro Newton Mendonça, que tocava piano, violino e gaita. Entre pescarias, jacarés nas ondas, futebol, vôlei e peteca, Tom era visto pelas ruas de Ipanema soprando sua gaitinha também.

Na praia, os amigos ajudavam os pescadores a puxar as redes, ganhando, em troca, peixes frescos, que iam direto para a panela, assim como os tatuís capturados pelos próprios rapazes.

Já na Lagoa, a pesca era um pouco mais elaborada, como narra Sérgio Cabral em *Antônio Carlos Jobim – uma Biografia*: “Em frente ao Corte do Cantagalo, ele e seus amigos pegavam lagostinhas com uma técnica bem rudimentar que consistia em espetá-las no momento em que tentavam se esconder nas pedras. Pescavam também muito siri, camarão, tainha e mamarreiros”. Outro prazer de Tom era atravessar parte da Lagoa a nado, na altura da Curva do Calombo.

Nessa época, ele engatou um namoro com a paulistana descendente de alemães Thereza Otero Hermann, uma bela morena de olhos verdes que ele conheceu na praia. O pai da moça não era lá muito favorável ao romance de sua filha, que tinha apenas 12 anos, mas, com a insistência dela e de Tom, acabou concordando.

Curso de Arquitetura

Decidido a ganhar seu próprio dinheiro para se casar, ingressou na Escola Nacional de Belas Artes, no curso de Arquitetura. Mas não foi muito longe na faculdade.

Voltou, então, a estudar piano, passando por vários professores e se aproximando das obras de Chopin, Ravel, Debussy, Rachmaninoff, Prokofiev, Stravinsky e Villa-Lobos.



5. Ao piano, instrumento que o acompanharia por toda a vida

Em 1949, casou-se com Thereza, que foi morar na casa de sua família. Depois, se mudaram para o Bairro Peixoto, em Copacabana. O apartamento era tão minúsculo que na sala só cabiam um piano quarto de cauda e um sofazinho. Thereza começou a trabalhar, e o casal foi para um imóvel maior, mas ainda contando com a ajuda do padrasto de Tom para o aluguel e o sustento.

Nos bares da vida

Um ano depois, nasceu o primeiro filho do casal: Paulo Hermann Jobim. Tom começou a trabalhar como pianista na noite carioca, passando por várias casas noturnas. Primeiro, só tocava piano; mais adiante, passou a cantar também: “Para desafinar, desafino eu”, dizia, referindo-se às cantoras de talento duvidoso que volta e meia tinha que acompanhar em sambas-canção, rumbas, boleros, foxes, tangos, canções francesas ou americanas.

Em 1952, conseguiu, também, um emprego como músico da orquestra da Rádio Clube (depois Rádio Mundial). Mas logo se transferiu para a gravadora Continental Discos, onde tinha como chefe o compositor João de Barro, o Braguinha.

Sobre o trabalho na Continental, ele descreveu em *A Vida de Tom Jobim – Depoimento* (coleção *Gente de Sucesso*): “Levava a minha pastinha com algumas partituras. Alguém cantava uma música batendo na caixa

de fósforos e eu punha a melodia no papel. Naquela época não havia gravador nem nada. Era tudo de ouvido. Os que existiam eram grandes móveis, verdadeiros mastodontes. Minha pasta era dessas de *attaché*, com pentagrama, lápis, borracha e gilete lá dentro. Lembro do Monsueto chegando lá com aquele samba *Mora na Filosofia*. E eu escrevendo a música para ele, riscando o pentagrama com todo o cuidado”.

A grande lembrança do tempo da Continental foi ter conhecido um ídolo e mestre: o maestro Radamés Gnattali, arranjador oficial da casa. E foi com o salário de lá que ele pôde dispensar a ajuda do padrasto e até alugar um apartamento maior, na Rua Francisco Otaviano, em Copacabana.

Sérgio Cabral conta como o pagamento do aluguel tornou-se uma ideia fixa para Tom, que dizia: “Eu estava sempre competindo com o aluguel, pra ver quem chegava antes no fim do mês”.

Em 1953, Tom teve sua primeira música gravada: *Incerteza* (parceria com Newton Mendonça), em disco de 78rpm do cantor Mauricy Moura. Em seguida, vieram muitos discos com suas numerosas composições, cantadas por vozes brasileiras e internacionais. Veja a relação no fim deste capítulo.

Nos primeiros LPs, ele assinava como Antônio Carlos Jobim, até ser convencido por Ary Barroso a trocar o nome artístico: “Ninguém vai dizer Antônio Carlos podendo dizer Tom”.

Um maestro de fato

Tom estava com 28 anos quando foi convidado por Radamés Gnattali a participar do programa *Quando os Maestros se Encontram*,



da Rádio Nacional. Ele apresentou sua peça sinfônica *Lenda*, regendo a orquestra com auxílio de Radamés (sentado ao piano). Mais adiante, entre as décadas de 1950/60, ganharia o título de “maestro”, tantos foram os arranjos e as orquestrações que fez.



6. Tom ao piano. Atrás, Baden Powell, Vinicius de Moraes e Lucia Proença

Outra mudança de casa: em 1955, Tom, Thelma e o filho Paulo voltaram a morar em Ipanema, na Rua Nascimento Silva, 107. O novo endereço virou letra de música, em 1974, assinada por Vinicius de Moraes e Tom Jobim, com o título *Carta ao Tom*:

*Rua Nascimento Silva
cento e sete
Você ensinando pra Elizeth
As canções de
canção do amor demais
Lembra que tempo feliz
Ah, que saudade
Ipanema era só felicidade
Era como se o amor
doesse em paz*

Nesse mesmo endereço, Tom musicou as letras de Vinicius para a peça *Orfeu da Conceição*, que estreou no ano seguinte.

Estava inaugurada uma parceria que promoveria uma verdadeira transformação na música popular brasileira.

Em 1959, morreu o maestro Heitor Villa-Lobos, que falou a Tom uma frase definitiva: “O ouvido de fora não tem nada a ver com o de dentro”. Isso porque, ao visitá-lo no apartamento em que morava no Centro da cidade, Tom não entendeu como Villa conseguia compor com o rádio ligado e toda a barulheira dos bondes, ônibus e carros que circulavam pela rua.

Entre tantas canções de sucesso, nos anos 1950, foram lançadas: *Desafinado* (parceria com Newton Mendonça), *Outra Vez*, *Dindi* (com Aloysio de Oliveira) e *Só em Teus Braços* (com Vinicius).

Desafinado

*Se você disser
Que eu desafino, amor
Saiba que isso em mim
Provoca imensa dor*

Só em Teus Braços

*Sim, promessas fiz,
Fiz projetos, pensei tanta coisa
E vem o coração e diz
Que só em teus braços,
meu bem
Eu ia ser feliz*



7. O famoso dueto de Tereza da Praia

É da mesma época o primeiro sucesso dele: *Tereza da Praia*, em parceria com Billy Blanco. O samba era uma encomenda de Dick Farney, que queria uma música sob medida para ser gravada em dueto com o suposto inimigo Lúcio Alves. A gravação dos dois supercantores, acompanhados por Tom e conjunto, mereceu elogios da crítica e caiu no gosto popular. Veja parte da letra:

– Lúcio!
 Arranjei novo amor
 No Leblon
 Que corpo bonito
 Que pele morena
 Que amor de pequena
 Amar é tão bom
 – Ô Dick!
 Ela tem
 Um nariz levantado
 Os olhos verdinhos
 Bastante puxados
 Cabelo castanho
 E uma pinta
 Do lado

A Garota de Ipanema

A década de 1960 começou com a mudança de Nilza e Celso para Poço Fundo, um lugar localizado entre Petrópolis e Teresópolis. A casa, sem eletricidade, era cercada de montanhas, árvores, bichos e “um grande rio piscoso”, como descreveu Helena Jobim.

Tom ia assiduamente para lá, onde ficava em contato direto com a natureza, uma de suas paixões, e onde escreveu *Águas de Março* (letra abaixo), apontada pelo crítico inglês Leonard Feather como “uma das dez músicas mais bonitas do século”.

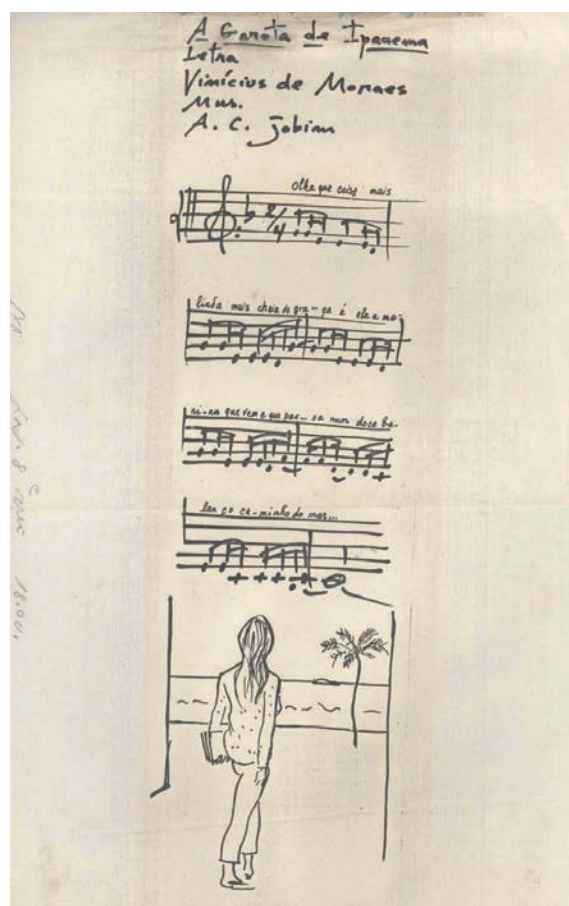
É pau, é pedra,
 é o fim do caminho
 É um resto de toco,
 é um pouco sozinho

É um caco de vidro,
 é a vida, é o sol
 É a noite, é a morte,
 é um laço, é o anzol

No Rio, Tom, Thereza e os filhos (Elizabeth nasceu em 1957) trocaram o apartamento da Nascimento Silva por uma casa na Barão da Torre, continuando a morar em Ipanema.

Era o ano de 1962, marcado pelo lançamento da composição *Garota de Ipanema* (letra abaixo), que aconteceu no show *Encontro*, com Tom, Vinicius, João Gilberto e Os Cariocas, na boate Au Bon Gourmet, em Copacabana.

Olha que coisa mais linda
 Mais cheia de graça
 É ela menina
 Que vem e que passa
 Num doce balanço
 A caminho do mar



8. Partitura de *Garota de Ipanema*

Por muito tempo, acreditou-se que *Garota de Ipanema* tinha sido feita no Bar Veloso (hoje Garota de Ipanema), na esquina das ruas Prudente de Moraes e Montenegro (hoje Vinicius de Moraes). A verdade é que Tom compôs a melodia em casa, para um musical que acabou não acontecendo. Vinicius também escreveu a letra em casa, que, além de se chamar *Menina Que Passa*, tinha a seguinte primeira parte: *Vinha cansado de tudo/ De tantos caminhos/ Tão sem poesia/ Tão sem passarinhos/ Com medo da vida/ Com medo do amor/ Quando na tarde vazia / Tão linda no espaço/ Eu vi a menina/ Que vinha num passo/ Cheia de balanço/ Caminho do mar.*

A menina em questão era Heloísa Eneida Pinheiro Menezes Paes Pinto, ou Helô Pinheiro, que tinha 19 anos e ia diariamente ao Veloso comprar cigarros para a mãe. Com a nova letra, em dois anos, *Garota de Ipanema* chegou a ter 40 regravações por diferentes intérpretes, entre eles, Nat King Cole.

Garota de Ipanema ganhou o posto de segunda música mais executada no mundo, atrás apenas de Yesterday, dos Beatles. Ao que Tom comentou: “E olha que eles eram quatro!”.

No lendário show do Au Bon Gourmet, foram lançados outros clássicos do repertório de Tom, como *Só Danço Samba*, *O Amor em Paz* (ambos com Vinicius), *Corcovado* e *Samba do Avião*.

Corcovado

*Um cantinho e um violão
Este amor, uma canção
Pra fazer feliz a quem se ama
Muita calma pra pensar
E ter tempo pra sonhar
Da janela vê-se o Corcovado
O Redentor, que lindo*

Samba do Avião

*Minha alma canta
Vejo o Rio de Janeiro
Estou morrendo de saudade
Rio, teu mar, praias sem fim
Rio, você foi feito pra mim*



9. Na pista do aeroporto, com seu violão

Ainda em 1962, Tom embarcou para participar do histórico show da bossa nova no Carnegie Hall, em Nova York. Ficou na cidade até meados do ano seguinte, fazendo diversas apresentações, inclusive com o saxofonista Gerry Mulligan. Ao mesmo tempo, trabalhou com letristas americanos na versão de suas músicas. Ele voltaria aos EUA em 1964, para uma longa temporada na Costa Oeste, tendo como base, dessa vez, a cidade de Los Angeles.

O amigo Sinatra

Corria o ano de 1966. Tom e Helena conversavam no bar, e ela contou: “No Veloso, de tardinha, o telefone toca. Chamam Tom. Avisam que é um homem falando inglês. Tom

vai ao telefone. É Frank Sinatra. Explica que tinha telefonado para sua casa e de lá haviam lhe dado esse número. Convida Tom para gravar um disco, se tivesse agora disponibilidade de tempo”.

Tom também falou sobre o fato no livro *Tom Jobim – Depoimento* (coleção *Gente de Sucesso*): “Não pensei em trote, porque ninguém ia fazer uma brincadeira cara dessas, ligando dos Estados Unidos. Meus ouvidos conheciam bem as vozes das ligações internacionais, como eram feitas naquele tempo. Sinatra foi falando, depois de se identificar com simplicidade: ‘Quero fazer um disco com você e quero saber se você acha isso interessante’. Acrescentou que pagaria todas as despesas e que eu ficaria hospedado com ele. No meu inglês precário, lembro que respondi: ‘Perfeitamente. É uma ordem’. Sinatra perguntou: ‘Você me acompanha com seu violão?’. Respondi que não era violonista, mas aceitava. O fato é que me sentiria mais à vontade no piano”.

O encontro rendeu o LP *Francis Albert Sinatra & Antonio Carlos Jobim* e um especial de TV: Tom no violão e em dueto com Sinatra. O programa venceu o Prêmio Emmy, entregue aos melhores da televisão americana.



10. Ao violão, com o amigo Frank Sinatra

Era o ano de 1967 quando foi lançado o LP *Wave*, cuja música título é uma das grandes conhecidas do público. Começa assim:

*Vou te contar
Meus olhos já não podem ver
Coisas que só o coração
Pode entender
Fundamental é mesmo o amor
É impossível ser feliz sozinho*

Parceria com Chico

Antes da viagem aos Estados Unidos, Tom havia sido apresentado a Chico Buarque, que o tinha como ídolo e sobre quem escreveu na canção *Paratodos*: “*meu maestro soberano foi Antônio Brasileiro*”. Entre tantos sucessos, os dois comporiam juntos *Sabiá* (letra abaixo), vencedora do III Festival Internacional da Canção (FIC), em 1968.

*Vou voltar
Sei que ainda vou voltar
Para o meu lugar
Foi lá e é ainda lá
Que eu hei de ouvir cantar
Uma sabiá
(...)
Vou deitar à sombra
De uma palmeira que já não há*



11. Com Cynara, Cybele e Chico Buarque no III Festival Internacional da Canção, no Maracanãzinho, em 1968



Defendida pelas cantoras Cynara e Cybele (do Quarteto em Cy), a música recebeu as vaias mais estrondosas da história da música brasileira. Sufocado por uma ditadura militar iniciada em 1964, o público que lotava o Maracanãzinho não queria saber do lirismo de Chico e Tom, preferindo a mensagem direta da marcha *Para Não Dizer que Não Falei de Flores*, de Geraldo Vandré.

Já na fase eliminatória, *Sabiá* havia enfrentado a ira da plateia, motivo pelo qual Tom enviara um telegrama a Chico, que na época fazia shows na Itália: “Preciso urgentemente que você volte para a final do festival. Motivo: vaia”.

Um novo casamento

Em 1973, nasceu Daniel, primeiro neto de Tom, filho de Paulo e Elianne. O casal daria mais dois netos a Tom: Dora (1976) e Isabel (1989). Em 1991, veio o quarto neto, André, filho de Elizabeth e Marcos André Martins.

Logo depois do nascimento de Daniel, o maestro descobriu que sofria de “perfusão inadequada dos membros inferiores”, uma doença circulatória, diagnosticada no Hospital Mount Sinai, em Nova York, motivada pelo tabagismo e que vinha causando dores fortes quando ele caminhava.



12. Capa do disco *Antonio Brasileiro*

Deveria largar o cigarro, reduzir a bebida a quase zero e, devido também a uma obstrução na aorta, implantar uma prótese vascular no peito. A única providência tomada foi a troca do cigarro pelo charuto – acessório que, somado ao chapéu que passou a usar, seria uma das marcas de seu visual que ele adotou até o fim da vida.

Tom separou-se de Thereza em 1977 e, no ano seguinte, estava namorando a fotógrafa Ana Beatriz Lontra, com quem voou para Nova York. Na volta, foram morar em uma casa na Rua Peri. Vivendo tão perto do Jardim Botânico, ia sempre ao parque, onde gostava de caminhar, observando os pássaros e a riquíssima flora local.

Outro programa quase diário do maestro era almoçar na Churrascaria Plataforma, onde encontrava os atores Antonio Pedro, Hugo Carvana e José Lewgoy, o compositor Abel Silva, o cineasta Miguel Faria e os cartunistas Jaguar e Ziraldo, entre outros amigos. Se não estivesse na Plataforma, muito provavelmente seria encontrado do outro lado da rua, no bar Arataca, dentro da Cobal. A Plataforma, como ponto de encontro, sucedeu os bares de Ipanema e do Centro que ele frequentou durante as décadas de 1950/1960 e o Antonio's, no Leblon.

Em 1982, ele ganhou o Prêmio Shell de Música Popular, um dos muitos recebidos entre as décadas de 1970 e 1990, entre eles o Prêmio Sharp de melhor disco e melhor música (*Passarim*, 1988), a Ordem do Rio Branco, a entrada no Hall da Fama de Compositores da Academia Nacional de Música dos EUA (ambos em 1990) e o título de Doutor Honoris Causa da Universidade Nova de Lisboa.

Chegou o ano de 1984, e Tom mudou-se com Ana e João Francisco (o filho, que nasceu em 1979) para uma casa na Rua Sara Villela, no alto Jardim Botânico, planejada por ele próprio e projetada por Paulo Jobim e Maria Elisa Costa (filha de Lucio Costa).

Ciente da marcação dos pontos cardeais em sua propriedade, Tom orientou os arquitetos para que fizessem os banheiros a oeste (evitando a umidade), os quartos voltados para leste (onde nasce o sol) e para que a casa tivesse o pé-direito alto: “Pé-direito bom é aquele em que você entra montado a cavalo e dá vivas à república tirando da cabeça o chapéu mexicano”.

Com vista para a Praia de Ipanema, a Lagoa, o Corcovado e o Pão de Açúcar, o novo endereço era privilegiado, rodeado de bichos como: paca, tatu, mico, gavião, inhambu, urutau, capoeira, saracura, preguiça, periquito e papagaio maracanã.

De volta a Nova York

Em 1987, nasceu Maria Luiza Helena, a caçula dele e de Ana Lontra. No ano seguinte, o casal foi para o apartamento de Nova York com os filhos João Francisco e Maria Luiza. Lá, viveram por três anos.



13. Capa do LP em homenagem à Mangueira

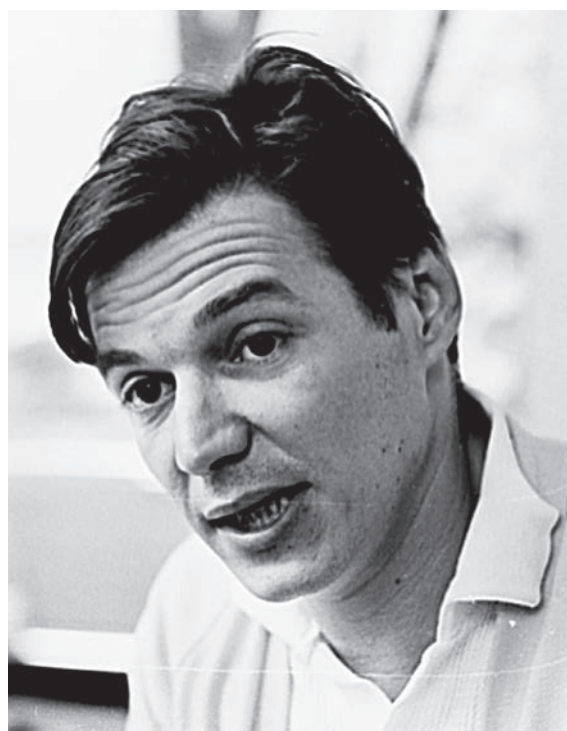
A família já estava de volta ao Brasil quando, em 1992, ele foi homenageado pela Estação Primeira de Mangueira, com o enredo Se Todos Fossem Iguais a Você. Em retribuição, compôs o belíssimo samba *Piano na Mangueira*, sua última parceria com Chico Buarque.

Piano na Mangueira

*Estou aqui na plataforma
Da Estação Primeira
O morro veio me chamar
De terno branco
e chapéu de palha
Vou me apresentar
à minha nova parceira
Já mandei subir
o piano pra Mangueira*

Mas, tirando a alegria no carnaval, o ano não começava com boas notícias: Tom foi diagnosticado com um câncer na bexiga. Após apresentações no Carnegie Hall (abril) e em Jerusalém (maio), ele se internou no Hospital Mount Sinai, onde extirpou o tumor.

Estava se recuperando quando os problemas respiratórios de que já sofria agravaram o quadro. Após duas paradas cardíacas, faleceu, em dezembro de 1994, aos 67 anos, nosso Antônio Brasileiro, que, ao se referir a seu país, costumava dizer que o Brasil deveria se orgulhar do fato de ser “o único país do mundo com nome de árvore”.



14. O maestro Antônio Carlos Brasileiro de Almeida Jobim

Abaixo, conheça a discografia do maestro

» 78rpm: *Pensando em Você* e *Faz uma Semana* (parceria com Juca Stockler), por Ernani Filho (1953).

» Disco de 10 polegadas *Rio de Janeiro – Sinfonia em Tempo de Samba*, com parcerias de Tom e Billy Blanco; gravações das canções *Solidão* (com Alcides Fernandes), por Nora Ney; *Outra Vez*, por Dick Farney; *Tereza da Praia*, dueto de Dick e Lúcio Alves (1954).

» 78rpm com a gravação de *Por Causa de Você* (parceria com Dolores Duran), por Sylvia Telles (1957).

» LP *Silvia*, por Sylvia Telles (1958).

» LP *Chega de Saudade*, por João Gilberto; LP *Por Toda a Minha Vida*, por Lenita Bruno; e LP *Amor de Gente Moça*, por Sylvia Telles (1959).

» LP *A Música de Jobim e Vinicius*, por Elza Laranjeira; LP *The Composer of Desafinado Plays*, o primeiro de Tom como solista. Chegou ao Brasil no ano seguinte, com o nome *Antonio Carlos Jobim* (1963).

» LP *Caymmi Visita Tom*, com músicas dos dois compositores interpretadas por Tom, Dorival e seus filhos Dori, Nana e Danilo; LP *The Wonderful World of Antonio Carlos Jobim*; LP *Getz/Gilberto Featuring Antonio Carlos Jobim*, com o saxofonista Stan Getz, Tom, João Gilberto e sua mulher, Astrud Gilberto. O disco recebeu sete indicações ao Grammy Awards em 1965, conquistando três troféus: de melhor álbum, melhor compacto e melhor solista para Getz. Os três LPs são de 1964.

» LP *Sylvia Telles Sings the Wonderful Songs of Antonio Carlos Jobim* (1965). Foi lançado no Brasil em 1966.

» LPs *Francis Albert Sinatra & Antonio Carlos Jobim*; *A Certain Mr. Jobim*; e *Wave* (1967).

» LPs *Stone Flower* e *Tide* (1970).

» *Disco de Bolso do Pasquim*, com o lançamento de *Águas de Março* (1972).

» LP *Matita Perê* (1973).

» LP *Elis & Tom*, dueto com Elis Regina, cuja gravação de *Águas de Março* é considerada definitiva (1974).

» LP *Urubu* (1976).

» LPs *Tom, Vinicius, Toquinho, Miúcha* (gravado ao vivo no Canecão); e *Miúcha & Antonio Carlos Jobim* (1977), que seria bisado em 1979 como *Miúcha & Tom Jobim*.

» LP duplo *Terra Brasilis*, gravado em Nova York (1980).

» LPs *Tom & Edu*, *Edu & Tom*; e *Ella Fitzgerald Sings Antonio Carlos Jobim*, lançado nos EUA (1981) e que chegou ao Brasil em 1982, com o título *Ella Abraça Jobim*.

» LP *Passarim*, com Tom Jobim e a Nova Banda; LP *Tom Jobim – os Anos 60*, por Joyce Moreno, em homenagem aos 60 anos do compositor (1987).

» LP *Antonio Brasileiro* (1994).



Chico Buarque

Tudo o que eu escrevia era para ele. De repente, senti uma estranheza de fazer música sem o Tom para ouvir. Sentia como se ele estivesse atrás do meu ombro, observando.

Chico Buarque, em depoimento ao lançar o disco *As Cidades*, em 1998, primeiro depois da morte de Tom, a quem ele chamou de “maestro soberano” na composição *Paratodos*





1. Imagem do filme *Quando o Carnaval Chegar* (1972)

O carioca Francisco Buarque de Hollanda, filho do historiador, escritor e professor universitário Sérgio Buarque de Hollanda e de Maria Amélia Alvim Buarque de Hollanda, nasceu em 19 de junho de 1944. É o quarto de sete irmãos: além dele, Heloísa Maria (a Miúcha), Sérgio, Álvaro Augusto, Maria do Carmo (a Piii), Anna Maria (a Baía) e Maria Cristina.

Segundo Maria Amélia escreveu no *Livro do Bebê*, o menino deu os primeiros passos ao completar 1 ano. Três meses depois, já andava. Ao jornal *Folha de S. Paulo*, Sérgio Buarque contou que o filho, “em vez de começar a falar, cantou. Desde que tentou se expressar foi através de música”.



2. Chico em uma de suas primeiras fotografias

O ambiente familiar era favorável: Maria Amélia tocava piano, e Sérgio também era da música, pois gostava de cantar em casa sambas antigos e canções italianas.

Em 1946, a família foi para São Paulo. Sérgio fez um escritório em casa, onde passava a maior parte do tempo escrevendo. Ninguém podia fazer barulho nem entrar lá, embora a porta ficasse aberta, para que ele acompanhasse o movimento. “Na verdade, quando eu era criança não sabia o que meu pai fazia”, Chico revelou à *Folha*. “Só sei que ele trabalhava de janelas fechadas e porta aberta.”

“Minha mãe é que sempre se ocupava das coisas práticas. Embora alegre, baixinha, com jeito de irmã caçula da gente, era ela quem tomava providências, pingando um pouco de realismo no lado romântico do meu pai. Acho que conseguiu uma boa mistura. Muito católica, fez questão de criar os filhos com todos os requisitos: primeira comunhão, crisma, colégio de padre. Então a minha formação é toda católica apostólica romana”, contou no livro *Chico Buarque – Anotações com Arte*.

A paixão pelo Fluminense também foi herança de Maria Amélia, que gostava de acompanhar as notícias do Tricolor e sabia de cor a escalação do time tricampeão de 1919.

“Em São Paulo, onde passei toda a minha infância, jogava bola na rua mesmo, de parar quando vinha carro”, Chico revelou em uma

de suas crônicas publicadas nos jornais *O Globo* e *O Estado de S. Paulo*, em 1988. “Era assim: quando vinha um carro lá em cima o pessoal gritava: ‘Olha a morte!’. Parava o jogo, passava a morte e continuava depois.”

Além do futebol, a música era diversão garantida. Ele se recorda de criar operetas de improviso para contracenar com as irmãs e do repertório de sua infância: “Fora as cantigas de roda, aquelas coisas de São João, eu lembro bem de ter ouvido coisas de Noel Rosa, de Ataulfo Alves, lembro vagamente... Principalmente Noel, acho que é porque os meus pais gostam muito de Noel”, disse em depoimento ao Museu da Imagem e do Som.



3. Posando na frente da casa em São Paulo

Mudança para a Itália

Em 1953, Sérgio foi trabalhar em Roma levando toda a família. Chico se despediu da avó paterna com um bilhete escrito em uma folha de caderno: “Vovó Heloísa. Olhe vózinha não se esqueça de mim. Se quando eu chegar aqui e você já estiver no céu, lá mesmo veja eu ser um cantor do rádio. Francisco”.

Em Roma, matriculado na Notre Dame International School, falava três línguas: português em casa, italiano na rua e inglês no colégio. Vinicius de Moraes, na época, servia

na embaixada brasileira em Paris e, de vez em quando, visitava o amigo Sérgio Buarque. Ele fala sobre Chico no prefácio da edição impressa de *Roda Viva*: “Em sua casa, até altas horas, ficávamos, seu pai e eu, tomando grapa, a cachaça italiana, e cantando coisas ao violão. Houve uma madrugada em que me pareceu ter visto as perninhas do sem-vergonha lá no topo da escada, quietinho, escutando”.



4. Com a mãe e os seis irmãos, em Roma

Já no livro *Chico Buarque, Letra e Música*, Humberto Werneck conta que, na estada em Roma, o futuro compositor criou marchinhas de carnaval, “filmes” desenhados em rolos de papel e gibis intitulados *Chico Mirim*, cujos personagens tinham nomes estrangeiros.

Volta a São Paulo

Dois anos depois, a família retornou a São Paulo. A irmã mais velha, Miúcha, ensinou a Chico as primeiras posições no violão e foi quem lhe emprestou dinheiro para comprar os primeiros LPs de João Gilberto. Em entrevista de divulgação do CD *Chico* (2011), ele disse que, antes de João, “gostava mesmo era de música americana. Perto de casa tinha um clube de jazz e eu queria ser batedor. A música americana é fundamental na minha formação musical”.

Miúcha fala mais sobre o assunto em texto escrito para a exposição *Chico Buarque, o Tempo e o Artista* (Biblioteca Nacional, 2004), contando que os irmãos se reuniam em torno da vitrola para ouvir sucessos estrangeiros de Elvis Presley, The Platters, Jacques Brel, Everly Brothers e Paul Anka. “Chico era um perfeito Paul Anka – a gente ainda não conhecia a cara de Paul Anka, só a voz, mas ninguém poderia ter mais cara daquela voz do que o Chico, com o olho faiscando na cara vermelha, a veia saltada no pescoço, a interpretação arrebatada. (...) O caramanchão meio afundado pelo peso das *bougainvilleas* era a nossa Broadway. Cantávamos para a rua, bem alto, desejando que cada carro parasse para ouvir (...). Às vezes, um carro parava mesmo, geralmente um casal de namorados trocando carinhos no escuro, e isso era a glória máxima.”

Cantando na noite

Chico entrou para a Faculdade de Arquitetura e Urbanismo em 1963. “Não queria ser advogado, médico, engenheiro...”, diria em uma entrevista à *Folha*. Na verdade, nunca se convenceu de que poderia ser arquiteto, mas tinha alguma relação com o urbanismo, tamanho era o prazer que tinha de criar cidades, imaginar como viveriam os habitantes, que língua falariam, como se organizariam no território.

A roda de samba do porão da faculdade era conhecida como Sambafo, reunindo os amigos mais chegados e convidados como João do Vale, Taiguara e Toquinho. Chico também frequentava o Juão Sebastião Bar, um dos principais redutos da bossa nova em São Paulo, onde conheceu o futuro parceiro, o compositor Gilberto Gil.

Em 1964, fez *Tem Mais Samba*, que ele considera sua primeira composição. A primeira a ser gravada, porém, foi *Marcha para um Dia de Sol*. No ano seguinte, participou do Festival Nacional de Música Popular Brasileira da TV Excelsior, com *Sonho de um Carnaval*.

Sonho de um Carnaval
*Carnaval, desengano
 Deixei a dor em casa
 Me esperando
 E brinquei e gritei
 E fui vestido de rei
 Quarta-feira
 Sempre desce o pano*



5. Ao violão, mostrando uma de suas primeiras músicas

No mesmo ano, saiu o compacto com *Sonho de um Carnaval* e *Pedro Pedreiro* (letra abaixo), seu primeiro sucesso e a primeira música que mostrou aos mestres Tom e Vinícius.

*Pedro pedreiro penseiro
 Esperando o trem
 Manhã, parece,
 Carece de esperar também
 Para o bem de quem tem bem
 De quem não tem vintém*

O segundo compacto foi lançado logo depois, contendo *Meu Refrão* e *Olê Olá*. Sobre esta última, Vinícius escreveu em 1968: “Ouvi o samba cantado por suas irmãs, em sua ausência, e ele me emocionou profundamente. Pois ali via-se, com muito mais diafragma que em *Pedro Pedreiro*, o fundo sentimento de terna piedade para com seu

semelhante que caracterizava a composição desse moço já nascido adulto para a arte de fazer canções.”

Olê Olá

*Não chore ainda não
Que eu tenho um violão
E nós vamos cantar*

O primeiro parceiro foi Toquinho, com quem ele assinou *Lua Cheia*, em 1965. O ano marcou também a estreia da peça *Morte e Vida Severina*, baseada em poema de João Cabral de Melo Neto, com música de Chico e que inaugurou o Teatro da Universidade Católica de São Paulo, o Tuca.



6. Com Vinícius e Toquinho, seu primeiro parceiro musical

Muitas mudanças em 1966. Ele veio morar sozinho no Rio, em Copacabana; compôs para o filme *O Anjo Assassino* e a peça infantil *O Patinho Preto*; e, na boate Arpège, no Leme, dividiu o palco com Odette Lara e MPB-4 no show *Meu Refrão*. Lá, mostrou o sucesso *Noite dos Mascarados* (letra abaixo). Ainda durante essa temporada, conheceu a atriz Marieta Severo, que viria a ser sua namorada e esposa.

Quem é você?

*Adivinhe, se gosta de mim
Hoje os dois mascarados
procuram os seus namorados
Perguntando assim*

A Banda

Também em 1966, com a marcha *A Banda* (letra abaixo), dividiu o primeiro lugar do II Festival de Música Popular Brasileira, da TV Record, com *Disparada*, composição de Geraldo Vandré e Théo de Barros.

*Estava à toa na vida
E o meu amor me chamou
Pra ver a banda passar
Cantando coisas de amor*

Em menos de uma semana, foram vendidas 100 mil cópias do compacto, na voz de Nara Leão. Vieram prêmios, títulos e shows: cidadão honorário de São Paulo, chave da cidade em Curitiba, desfile em carro aberto em Lisboa, Festa do Milho em Patos de Minas... Em dezembro, saiu o *songbook*: *A Banda – Manuscritos de Chico Buarque de Hollanda*, com 18 letras manuscritas e o conto *Ulisses*, escrito para o suplemento literário de *O Estado de S. Paulo*.

Sobre a composição, Chico contou ao MIS: “Eu estava com fome, esperando o almoço. Eu tive a ideia da imagem da banda passando e vi várias coisas acontecendo. Não saiu a letra antes da música, foi a ideia da letra que saiu antes de qualquer coisa. A ideia da banda passando e das coisas que acontecem. Logo eu tive várias imagens: a moça que vai para a janela, o cara contando dinheiro. Aí, peguei o violão e saiu”.

O ano de 1966 trouxe, também, uma grande alegria a Chico, que foi conhecer Tom Jobim: “As minhas primeiras parcerias com o Tom e o meu contato com ele me levaram para esse caminho da música mais consciente, menos primitiva”, disse em *Chico Buarque – Anotações com Arte*.

Era a época dos festivais, e ele ficou em terceiro lugar no III Festival de Música Popular Brasileira, da TV Record (1967), com *Roda Viva*, que cantou com o grupo MPB-4. No

mesmo ano, foi lançado o LP *Chico Buarque de Hollanda, Volume 2*, com os sambas *Quem Te Viu Quem Te Vê* e *Com Açúcar, com Afeto*.

Roda Viva

*Tem dias que a gente se sente
Como quem partiu ou morreu
A gente estancou de repente
Ou foi o mundo então que cresceu*

Quem Te Viu Quem Te Vê

*Você era a mais bonita
Das cabrochas dessa ala
Você era a favorita
Onde eu era mestre-sala*

Roda Viva virou peça de teatro, que estreou em 1968, ano também em que saiu o LP *Chico Buarque de Hollanda, Volume 3*, com *Roda Viva*, *Retrato em Branco e Preto* (primeira parceria com Tom Jobim), *Sem Fantasia* e *Desencontro*, entre outros sucessos.



7. Atores encenam *Roda Viva*

O canto da sabiá

Ainda falando em festivais, aconteceram a I Bienal de Samba, da TV Record, em que ele levou o segundo lugar com *Bom Tempo*; o III Festival Internacional da Canção, que venceu com *Sabiá* (com Tom Jobim); e o IV Festival de Música Popular Brasileira, da TV Record, com *Benvinda*, que terminou em sexto lugar.

Mais uma viagem para a Itália, dessa vez para se afastar da ditadura militar do Brasil. Embarcou em 1969 com a mulher, Marieta, que estava grávida. Não tinha muitos compromissos por lá, além de alguns shows esparsos e apresentações na TV. Aproveitou o tempo para criar um jogo de tabuleiro inspirado no futebol, o *Ludopédio*, que mais tarde seria lançado no Brasil com o nome de *Escrete*. Nesse ano, nasceu sua primeira filha: Silvia.

O quarto LP, *Chico Buarque de Hollanda, Volume 4*, foi gravado por correspondência. Ele mandou para o Brasil fitas cassete com as composições e recebeu de volta as bases (instrumentos de harmonia, sopros, percussão) para colocar a voz na Itália. No disco, destaque para *Essa Moça Tá Diferente*, *Samba e Amor*, *Gente Humilde* e *Ilmo Sr. Cyro Monteiro ou Receita pra Virar Casaca de Neném* (letra abaixo), esta última uma resposta ao amigo Cyro Monteiro, que havia presenteado a menina Silvia com uma camisa do time do Flamengo.

*Minha petiz
Agradece a camisa
Que lhe deste à guisa
De gentil presente
Mas caro nego
Um pano rubro-negro
É presente de grego
Não de um bom irmão*



8. Em Roma, junto a Nara Leão e Vinicius de Moraes

A temporada do autoexílio italiano rendeu, ainda, os discos *Chico Buarque de Hollanda na Itália* e *Per un Pugno di Samba*, cada um com 12 de suas composições que foram vertidas para o italiano.

De volta ao Brasil

Em 1970, já no Brasil, compôs o samba *Apesar de Você* (letra abaixo), lançado em um compacto que trazia *Desalento* (parceria com Vinicius) no lado B. Chegou a vender 100 mil cópias até que, depois de um jornal insinuar que era uma “homenagem” a Médi- ci, o disco foi proibido.

*Apesar de você
Amanhã há de ser outro dia
Eu pergunto a você
Onde vai se esconder
Da enorme euforia?*

Nesse mesmo ano, nasceu Helena, sua segunda filha. Ele estava lançando o LP *Construção*, com a música título feita de versos terminados em proparoxítonas.

*Amou daquela vez
Como se fosse a última
Beijou sua mulher
Como se fosse a última
E cada filho seu
Como se fosse o único*

Depois de uma ponta no filme *Garota de Ipanema*, estreou como ator de cinema em *Quando o Carnaval Chegar*, para o qual compôs a música título, além de *Baioque*, *Bom Conselho*, *Caçada*, *Mambembe*, *Partido Alto* e *Soneto*, todas reunidas em LP.

No musical *O Homem de La Mancha*, de Ruy Guerra, escreveu a letra para uma versão de *Sonho Impossível*. Terminou o ano apresentando-se com Caetano Veloso no Teatro Castro Alves, em Salvador. O encontro rendeu o disco *Caetano e Chico Juntos e ao Vivo*.



9. Cartaz da peça *Calabar*

Em 1973, compôs *Joana Francesa* para filme homônimo estrelado por Jeanne Moreau. Escreveu a peça *Calabar, o Elogio da Traição*, e sua trilha (com Ruy Guerra). As músicas compõem o LP *Chico Canta: Cala a Boca, Bárbara, Tatuagem, Ana de Amsterdam, Não Existe Pecado ao Sul do Equador, Boi Voador Não Pode, Fado Tropical, Tira as Mãos de Mim, Cobra de Vidro, Vence na Vida Quem Diz Sim, Fortaleza e Você Vai Me Seguir*.

Calabar foi vetada pela censura, só conseguindo ser encenada em 1980, no Teatro São Pedro, em São Paulo.

Julinho da Adelaide

O LP *Sinal Fechado* saiu em 1974, com músicas de outros compositores cantadas por Chico. A exceção é *Acorda Amor*, assinada por Julinho da Adelaide, pseudônimo criado para driblar a censura. O mesmo “Julinho” faria mais adiante o rock *Jorge Maravilha*, com os famosos versos: *Você não gosta de mim/ Mas sua filha gosta*.



Chico escritor

Sem deixar de compor, ele se tornou escritor. O primeiro livro, a “novela pecuária” *Fazenda Modelo*, foi lançado em 1974. Depois, vieram:

1979: *Chapeuzinho Amarelo* (livro poema).

1981: *A Bordo de Rui Barbosa*.

1991: *Estorvo*. Vencedor do Prêmio Jabuti, foi adaptado para o cinema em uma produção luso-cubano-brasileira dirigida por Ruy Guerra.

1995: *Benjamim*, adaptado para o cinema em 2005.

2003: *Budapeste*. Com ele, conquistou o segundo Jabuti e o Prêmio Passo Fundo Zaffari & Bourbon de Literatura. Com direção de Walter Carvalho, foi adaptado para o cinema em 2009.

2009: *Leite Derramado*. Ganhou os prêmios Jabuti e Portugal Telecom.

Em 1975, nasceu Luísa, a terceira filha do casal Chico e Marieta. Foi também quando ele compôs para os filmes *Vai Trabalhar Vagabundo* e *A Noiva da Cidade*. Em homenagem à Revolução dos Cravos (que terminou com a ditadura em Portugal), fez a canção *Tanto Mar*, gravada lá, mas, na época, proibida aqui. O grande marco, na dramaturgia, foi a encenação da peça *Gota d'Água*, escrita em parceria com Paulo Pontes e para a qual escreveu quatro canções.



10. Chico, Marieta e as filhas Silvia, Helena e Luísa, ao colo

Chico e Paulo Pontes ganharam o Molière (principal prêmio do teatro brasileiro), mas não foram receber o troféu, em solidariedade aos autores que tiveram peças proibidas naquele ano, como Plínio Marcos (Abajur Lilás) e Oduvaldo Vianna Filho (Rasga Coração).

Em franca produção para cinema e teatro, compôs, em 1976, *O que Será*, para o filme *Dona Flor e Seus Dois Maridos*, e, com Augusto Boal, *Mulheres de Atenas*, para peça homônima de Boal. Foi para ele, então exilado em Portugal, que Chico compôs seu maior sucesso nesse ano: *Meu Caro Amigo*, em parceria com Francis Hime. A música está no LP *Meus Caros Amigos*. Veja a letra:

*Meu caro amigo
Me perdoe, por favor
Se eu não lhe faço uma visita
Mas como agora
Apareceu um portador
Mando notícias nessa fita
Aqui na terra
Tão jogando futebol
Tem muito samba
muito choro e rock'n'roll*



11. Com o amigo e parceiro Francis Hime

Os Saltimbancos

No ano seguinte, fez o samba *Feijoada Completa*, para o filme *Se Segura, Malandro*. Já para o musical infantil *Os Saltimbancos*, escreveu as versões das dez canções compostas em italiano por Sérgio Bardotti, em parceria com o argentino Luiz Enriquez Bacalov. *Bicharia*, *O Jumento*, *Um Dia de Cão*, *A Galinha*, *História de uma Gata*, *A Cidade Ideal*, *Minha Canção*, *A Pousada do Bom Barrão*, *Esconde-Esconde* e *Todos Juntos* foram reunidas no LP *Os Saltimbancos*.

12. Capa do LP *Os Saltimbancos*

Bicharia

Au, au, au, hi-ho hi-ho
Miau, miau, miau, cocorocó

O animal é tão bacana
Mas também não é
nenhum banana

História de uma Gata

Nós, gatos, já nascemos pobres
Porém, já nascemos livres
Senhor, senhora ou senhorio
Felino, não reconhecerás

Em 1977, outras duas composições nostálgicas: *Maninha e João e Maria* (parceria com Sivuca), gravadas no disco *Meus Amigos São um Barato*. No ano seguinte, estreou o musical *Ópera do Malandro*, para o qual ele fez o texto e 17 músicas, depois reunidas no LP de mesmo nome. *Ópera do Malandro* é baseada na *Ópera dos Mendigos* (John Gay, 1728) e na *Ópera de Três Vinténs* (Bertolt Brecht e Kurt Weill, 1928).

Também em 1977, Chico foi a Cuba, pela primeira vez, para participar do júri de teatro do prêmio Casa de las Américas. Lá, conheceu os compositores Silvio Rodríguez e Pablo Milanés, de quem se tornou parceiro ao fazer as letras em português para *Canción por la Unidad Latinoamericana* e *Iolanda*. De Rodríguez, gravou *Pequeña Serenata Diurna* em seu LP de 1978. É do mesmo disco a gravação com letra de *Tanto Mar* e a de *Cálice* (letra abaixo), parceria com Gilberto Gil, proibida desde 1973, quando foi composta. Fechando a década de 1970, ele fez a trilha do filme *República dos Assassinos* e da peça *O Rei de Ramos*.

Como beber dessa
bebida amarga
Tragar a dor e engolir a labuta?
Mesmo calada a boca
resta o peito
Silêncio na cidade não se escuta

Em 1978, Chico comprou um terreno no Recreio dos Bandeirantes que batizou de Centro Recreativo Vinicius de Moraes. Lá funciona a sede do clube verde-anil Politheama,

frequentado pelo compositor e por seus amigos, onde promovem peladas memoráveis. Chico joga com a camisa 9, a mesma de seu ídolo de infância, Pagão, parceiro de Pelé no Santos. E chegou a fazer um hino para o time:

*Politheama, Politheama
O povo clama por você
Politheama, Politheama
Cultiva a fama de não perder*



13. Uma das muitas formações do Politheama

Os anos 1980

Composições para cinema, teatro, balé, novos LPs e o começo da parceria com Edu Lobo nos anos 1980.

A parceria com Edu Lobo começou em 1981, com Moto Contínuo. Dois anos depois, fizeram dez canções para o balé O Grande Circo Místico, encenado pelo Ballet Teatro Guaíra, em Curitiba. As músicas foram reunidas em um LP. A dupla assinou, também, o samba-enredo Dr. Getúlio, para a peça de mesmo nome (1983); as músicas de O Corsário do Rei (1985); e a trilha do balé Dança da Meia-Lua, para o Ballet Teatro Guaíra (1987).

Para o cinema, fez os temas de *Eu Te Amo* (com Tom Jobim) e de *Bye Bye Brasil* (com Roberto Menescal), ambos em 1980; cinco canções de *Saltimbancos Trapalhões* (1981); e lançou mais seis em *Para Viver um Grande Amor* e o blues *Mil Perdões* para *Perdoa-me por Me Traíres* (1983). Compôs oito para *Ópera do Malandro* (1985) e uma para *Amor Vagabundo* (1989). A canção tema da peça *Suburbano Coração* é sua, assim como *A Mais Bonita* e *É Tão Simples* (1989).

O primeiro LP dos anos 1980, *Vida*, teve, além da canção título, *Deixa a Menina, Já Passou*, *Qualquer Canção*, *Eu Te Amo*, *Morena de Angola* e o bolero *Bastidores* (letra abaixo), que viraria música obrigatória nas apresentações de Cauby Peixoto:

*Chorei, chorei
Até ficar com dó de mim
E me tranquei no camarim
Tomei um calmante,
um excitante
E um bocado de gim*

A irmã mais nova, Cristina Buarque, gravou o samba *O Meu Guri*, grande sucesso do irmão (1981). Chico lançou o LP *Almanaque*, com as inéditas *Ela É Dançarina*, *As Vitri- nes*, *Almanaque* e *A Voz do Dono e o Dono da Voz*, além do disco *Chico Buarque en Español*, com dez composições suas vertidas por Daniel Viglietti (1982).

O LP *Chico Buarque*, de 1984, marcou sua última parceria com Francis Hime, no samba *Vai Passar* (letra abaixo), e trouxe a versão em português para *De que Callada Maneira* (de Pablo Milanés e Nicolás Guillén), que se chamou *Como se Fosse a Primavera*.

*Vai passar nessa avenida
Um samba popular
Cada paralelepípedo
Da velha cidade
Essa noite vai se arrepiar*

Em 1987, lançou o disco *Francisco*, quase todo romântico, com as inéditas *O Velho Francisco*, *As Minhas Meninas* e *Todo o Sentimento* (com Cristóvão Bastos). Terminando a década, gravou o terceiro LP com o mesmo nome, *Chico Buarque* (1989).



14. No show *Chico Buarque & Maria Bethânia*

No fim de 1984, apresentou-se com Toquinho no Luna Park, em Buenos Aires, pondo fim a um afastamento dos palcos que durava desde 1975, quando fez temporada ao lado de Maria Bethânia no show gravado em LP com o nome de *Chico Buarque & Maria Bethânia*. Já em 1986, estreou na televisão o programa *Chico & Caetano*, com nove episódios, em que os dois anfitriões recebiam convidados ilustres.

Os anos 1990

Uma parceria com Tom Jobim, *Paratodos* (letra abaixo) é a canção título do LP lançado em 1993. Em 1995, compôs *A Ostra e o Vento* para o filme de mesmo nome e regravou 15 composições para o CD *Uma Palavra*.

*O meu pai era paulista
Meu avô, pernambucano
O meu bisavô, mineiro
Meu tataravô, baiano
Vou na estrada há muitos anos
Sou um artista brasileiro*

Após 30 anos de casamento, Chico e Marieta Severo se separaram em 1996.

Ele, então, foi morar no bairro do Jardim Botânico, de onde se mudou, três anos depois, para o Alto Leblon.

Em 1997, nasceu Francisco, seu primeiro neto, filho de Helena com o músico Carlinhos Brown. No mesmo ano, homenageia mais uma vez a escola de coração no samba-exaltação *Chão de Esmeraldas* (parceria com Hermínio Bello de Carvalho), lançado no CD *Chico Buarque de Mangureira*. Ele já havia composto, com Tom Jobim, *Estação Derradeira* e *Piano na Mangureira*.



15. Em carro aberto, no desfile campeão da Estação Primeira de Mangureira, em 1998

Ele também foi homenageado pela escola, em 1998, com o enredo Chico Buarque de Mangureira, desfilando no último carro alegórico, ao lado do nonagenário Carlos Cachça, fundador da escola. Com um desfile emocionante, a Verde-e-Rosa conquistou seu 16º título de campeã, dividido nesse ano com a Beija-Flor de Nilópolis. Ainda no ano de 1998, saiu o CD *As Cidades*, com as inéditas *Carioca* (letra na página seguinte), *Iracema Voou*, *Sonhos Sonhos São* e *Xote de Navegação* (parceria com Dominginhos).

Carioca*Gostosa, quentinha**Tapioca**O pregão abre o dia**Hoje tem baile funk**Tem samba no Flamengo*

No lançamento do disco, primeiro após a morte de Tom, ele falou da falta que sentia do “maestro soberano”. “Tudo o que eu escrevia era para ele. De repente, senti uma estranheza de fazer música sem o Tom para ouvir. Sentia como se ele estivesse atrás do meu ombro, observando.”

No terceiro milênio

O musical *Cambaio* estreia em 2001 com oito canções de Chico em parceria com Edu Lobo. A dupla também assinou o lundu *Forrobodó*, para o filme *O Xangô de Baker Street*. Com Dori Caymmi, fez a canção *Fora de Hora*, para o filme *Lara* (2002).



16. Cartaz do musical *Cambaio*

Em 2005, foi lançada uma série de 12 DVDs intitulada *Chico*, que entremeia números musicais, entrevistas novas e diversos especiais de fim de ano gravados para a TV Bandeirantes. No ano seguinte, saiu o CD *Carioca*, com destaque para *Subúrbio*, *As Atrizes*, *Ela Faz Cinema*, *Sempre* e *Bolero Blues* (parceria com Jorge Helder).

Depois de sete anos sem se apresentar, Chico fez, em 2007, uma turnê pelas principais cidades brasileiras para lançar o CD Carioca. Em 2011, começou nova turnê, cantando o repertório do novo CD Chico, além de antigas composições.



17. Capa do CD *Chico* (2011)

O CD mais recente, *Chico*, saiu em 2011, com apenas uma regravação entre as dez músicas do repertório: o samba *Sou Eu*, parceria com Ivan Lins e gravado com Wilson das Neves. Existe uma gravação original feita pelo compositor Diogo Nogueira.

Entre outros sucessos, o disco apresenta *Barafunda*, *Sem Você nº 2*, *Essa Pequena*, *Se Eu Soubesse* (cantada em dueto com Thaís Gulin), *Sinhá* (gravada com João Bosco, parceiro na composição) e *Tipo um Baião* (letra abaixo).

*Meu coração
Que você sem pensar
Ora brinca de inflar
Ora esmaga
Igual que nem
Fole de acordeão
Tipo assim num baião
Do Gonzaga*

Créditos das imagens

Pixinguinha

Abertura do capítulo:

Fotos de estúdio: Alberto Jacob Filho

1. Hamilton Corrêa/Acervo JB – Casa Brasil
2. In: GERSON, Brasil. *História das Ruas do Rio*. Rio de Janeiro: Lacerda Editores, 2000.
3. Acervo Museu da Imagem e do Som
4. Acervo Museu da Imagem e do Som
5. In: DINIZ, André; LINS, Juliana. *Pixinguinha, Coleção Mestres da Música no Brasil*. São Paulo: Editora Modema, 2002.
6. Acervo Museu da Imagem e do Som
7. Acervo Museu da Imagem e do Som
8. Acervo Museu da Imagem e do Som
9. Acervo Museu da Imagem e do Som
10. Divulgação Odeon
11. Acervo Museu da Imagem e do Som
12. Grafite: Airá Crespo

Lamartine Babo

Abertura do capítulo:

Fotos de estúdio: Alberto Jacob Filho

1. Acervo Museu da Imagem e do Som
2. Logo: americario.com.br
3. Estúdio Arthur Photo
4. Acervo Museu da Imagem e do Som
5. In: VALENÇA, Suetônio Soares. *Tra-la-lá*. Rio de Janeiro: Funarte, 1981.
6. In: VALENÇA, Suetônio Soares. *Tra-la-lá*. Rio de Janeiro: Funarte, 1981.
7. Acervo Museu da Imagem e do Som
8. Acervo Museu da Imagem e do Som
9. Divulgação Sinter
10. Acervo Rádio Nacional

11. Fotomontagem (de cima para baixo): Tito Martins, Vand Dijk/Wikimedia; Acervo pessoal Alexandre Guedes; Sérgio Guedes, Sérgio Luiz/ Flickr

12. Acervo America Football Club

Vinicius de Moraes

Abertura do capítulo:

Fotos de estúdio: Alberto Jacob Filho

1. Acervo Museu da Imagem e do Som
2. Acervo VM Cultural/DR
3. Acervo VM Cultural/DR
4. Acervo VM Cultural/DR
5. Instituto Antônio Carlos Jobim
6. Acervo Museu da Imagem e do Som
7. Acervo Cleide Ramos
8. Divulgação Atlantic/WEA
9. Divulgação PolyGram
10. Acervo pessoal Joyce Moreno
11. Divulgação Som Livre
12. <http://asvozesdomeudiscurso.blogspot.com.br>
13. Acervo VM Cultural/DR
14. Marinho/Arquivo Público do Estado de São Paulo
15. Acervo VM Cultural/DR

Tom Jobim

Abertura do capítulo:

Fotos de estúdio: Alberto Jacob Filho

1. Acervo Museu da Imagem e do Som
2. Acervo Instituto Antônio Carlos Jobim
3. Acervo Instituto Antônio Carlos Jobim
4. Acervo Instituto Antônio Carlos Jobim
5. Acervo Instituto Antônio Carlos Jobim

6. Acervo Instituto Antônio Carlos Jobim
7. Divulgação Continental/Warner Music
8. Acervo Instituto Antônio Carlos Jobim
9. Acervo Museu da Imagem e do Som
10. Acervo Museu da Imagem e do Som
11. Rubens Barbosa/Acervo JB – Casa Brasil
12. Divulgação Globo/Columbia
13. Divulgação Saci
14. Abrunhosa/Acervo JB – Casa Brasil

Chico Buarque

Abertura do capítulo:

Fotos de estúdio: Alberto Jacob Filho

1. Acervo Instituto Antônio Carlos Jobim
2. Acervo Instituto Antônio Carlos Jobim
3. Acervo Instituto Antônio Carlos Jobim

4. Acervo Instituto Antônio Carlos Jobim
5. Acervo Museu da Imagem e do Som
6. Acervo Instituto Antônio Carlos Jobim
7. Hamilton Corrêa/Acervo JB – Casa Brasil
8. Acervo Instituto Antônio Carlos Jobim
9. Acervo Instituto Antônio Carlos Jobim
10. Capas: Editora Civilização Brasileira; Companhia das Letras; Record
11. Acervo Instituto Antônio Carlos Jobim
12. Acervo Instituto Antônio Carlos Jobim
13. Divulgação Philips
14. Acervo Instituto Antônio Carlos Jobim
15. Acervo Instituto Antônio Carlos Jobim
16. Acervo Instituto Antônio Carlos Jobim
17. Divulgação Sony Music

**Diretoria do Núcleo de
Publicações e Impressos**

Regina Protasio

Assessoria Editorial

Denise das Chagas Leite

Consultoria e Conteúdo

Pedro Paulo Malta

Redação e Edição

Regina Protasio

Colaboração

Fernanda Fernandes

Larissa Altoé

Leila Kaltman

Revisão

Jorge Eduardo Machado

Gerência de Pesquisa e Documentação

Lucia Mendes

Pesquisa

Tônia Matosinhos

**Assessoria de Artes
Gráficas e Animação**

Marcelo Salerno

Gerência de Artes Gráficas

Ana Cristina Lemos

Projeto Gráfico

Aloysio Neves

**Editoração, tratamento de imagens e
montagens (abertura de capítulos)**

Daniel Nogueira

Impressão:

Ediouro Gráfica e Editora Ltda.

Tiragem:

5.600 exemplares

Dezembro 2012

Agência Brasileira do ISBN

ISBN 978-85-60354-19-1



9 788560 354191

MULTIRIO - Empresa Municipal de Multimeios Ltda.

Largo dos Leões, 15 • Humaitá • Rio de Janeiro/RJ • Brasil • CEP 22260-210

Central de Atendimento ao Cidadão: 1746 • Fora do Rio: (21) 3460-1746 • Fax: (21) 2535-4424

www.multirio.rj.gov.br • ouvidoria.multirio@rio.rj.gov.br